

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, FILOGIA E TEORIA LITERÁRIA  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

GABRIELA SCHWINGEL FERREIRA

**UM SUBTERRÂNEO SERTANEJO: O HOMEM DO SUBSOLO E O HOMEM  
DA ANGÚSTIA EM GRACILIANO RAMOS**

PORTO ALEGRE, 2011

GABRIELA SCHWINGEL FERREIRA

**UM SUBTERRÂNEO SERTANEJO: O HOMEM DO SUBSOLO E O HOMEM  
DA ANGÚSTIA EM GRACILIANO RAMOS**

*Trabalho de conclusão do curso de graduação apresentado ao departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do grau de Licenciatura em Letras – Habilitação Português-Inglês.*

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Ivana de Lima e Silva

Porto Alegre, julho de 2011

Dedico a meus pais, que sempre me incentivaram a ler e a estudar e que acabaram se acostumando ao meu caos interno.

À minha irmã, pelas noites que não a deixei dormir, por causa das minhas leituras, fosse rindo ou chorando ou com a luz acesa.

Para Bárbara, para a Elisa e para Júlia, que me ajudaram a superar o momento mais difícil, mesmo quando elas não sabiam disso.

Para os curiosos, para os literatos e para todos que um dia sentiram a vida mudar ou o mundo cair por causa de um livro.

A Dostoiévski e a Graciliano, que fizeram meu mundo cair.

E a Jane Austen, que não tem nada a ver com o subsolo, mas que mudou a minha vida e me serviu de bálsamo depois que meu mundo caiu.

## RESUMO:

Esse trabalho é uma tentativa de compreender os homens incompreensíveis de Graciliano Ramos, Paulo Honório e Luís da Silva, através de outro homem incompreensível: o Homem do Subsolo, de Dostoiévski. Embora à primeira vista, se tratem de personagens diferentes, há entre eles muitas semelhanças, em especial sua relação paradoxal com a vida, mas que isso não os faz necessariamente homens do subsolo, uma vez que a consciência não é uma característica de todos eles e que, portanto, faz-se necessário criar outro “lugar” para um deles. Para tal usaremos conceitos da psicologia e da filosofia, que servem como base teórica.

**PALAVRAS-CHAVE:** consciência – subsolo – angústia – Dostoiévski – Graciliano Ramos

## ABSTRACT

This work is an attempt to understand the incomprehensible men from Graciliano Ramos, Paulo Honório e Luís da Silva, through other incomprehensible man: the Man of the underground, from Dostoyevsky. Although they seem different at first sight, there are some similarities, like their paradoxical relationship with life, but that does not make all of them men of the underground, because conscience is not a characteristic of all them and, for that, it is necessary to create a “place” to one of them. In this work, we will use some concepts from Psychology and from Philosophy.

KEYWORDS: conscience – underground – modernity – anguish – identity – Dostoyevsky – Graciliano Ramos

## **AGRADECIMENTOS**

Parece que foi ontem que peguei meu primeiro – ou melhor, meus primeiros – ônibus até o Campus do Vale, naquela que provavelmente foi à primeira vez que vi o sol nascer e, no entanto, faz mais de quatro anos. Eu era outra então e nem imaginava que a gente pudesse mudar tanto e não perceber que já não é mais a mesma. O fim chegou e só consigo pensar no começo. Por que será que, no fim, lembramos sempre do começo? Seria nostalgia ou seria simplesmente o desejo de agarrar água com os dedos, de agarrar aquilo que nunca mais será o mesmo? Um pouco dos dois, acho, mas a verdade é que as coisas mudam, para melhor ou pior, e não podemos fazer nada, exceto agradecer àqueles que nos ajudaram a chegar aqui.

Primeiro, agradeço aos meus pais, Carmen e Afonso, não só pela vida e pelas oportunidades, mas pelo caráter, força e sensibilidade que me ensinaram. Por sempre estarem a meu lado quando eu precisei, e também por terem me ensinado a caminhar com meus próprios pés. Por não me deixarem desistir, por me ensinarem que errar é também acertar, por me ensinarem a levantar depois de cair. Por terem acreditado em mim, por sempre estarmos juntos, mesmo nesse ano, que foi o pior de todos. Obrigada pela educação que deram e obrigada por terem me ensinado a ser eu mesma, não importa o que aconteça. Agradeço a minha irmã, Michelle, pela paciência, especialmente naqueles dias que eu fiquei estressada demais e resmungava como louca e descontava nela.

Agradeço às amigas e aos amigos que fiz aqui, mas em especial à Elisa, à Bárbara e à Julia, amigas para uma vida inteira, que eu amo demais, por serem quem elas são e por todas nossas aventuras e micos.

Agradeço aos professores dessa Universidade, que sempre ouviram o que tinha para falar e por mostrarem o mundo além das Letras. Sobretudo, dois professores merecem um agradecimento especial: a professora Márcia Ivana de Lima e Silva, orientadora desse trabalho, e o professor Ricardo Barberena - porque numa bela manhã de sábado me jogou no subsolo, lugar frio e úmido que acabou inspirando essas páginas.

## SUMÁRIO

<b>1. UM CONHECIMENTO QUE NÃO LIBERTA .....</b>	<b>8</b>
<b>2. CONSCIÊNCIA: UMA BATALHA ENTRE GIGANTES .....</b>	<b>11</b>
<b>3. O SOLO .....</b>	<b>16</b>
3.1 O SUBSOLO .....	18
3.2 O SUBSOLO E AS RELAÇÕES HUMANAS .....	20
<b>4. A IDENTIDADE MODERNA.....</b>	<b>27</b>
<b>5. ENTRE O SUBSOLO E A ANGÚSTIA .....</b>	<b>35</b>
5.1 PARA SEMPRE ANGÚSTIA .....	35
5.2 MEMÓRIAS DE SÃO BERNARDO .....	45
<b>6. POR QUE O SUBSOLO SE ESTENDE PELO MUNDO TODO .....</b>	<b>51</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>56</b>

## 1. UM CONHECIMENTO QUE NÃO LIBERTA

Possivelmente, uma das obras mais impactantes da literatura mundial seja *Notas do Subsolo*, de Fiódor Dostoiévski. Na obra, o homem moderno é representado pela consciência hipertrofiada de seu narrador, que nos parece um retrato preciso da alma. Acreditamos que essa alma é o reflexo de uma sociedade moralmente decadente, mas absolutamente consciente disso. Acreditamos, no entanto, que mais que criar um dos personagens mais profundos da literatura, Dostoiévski inaugurou uma galeria de personagens sombrios e atormentados pela própria consciência, sujeitos presos dentro de si mesmos. Naturalmente, cada um desses novos personagens está definido pelas diferentes sociedades que o circundam. No Brasil, podemos pensar em Bento Santiago, do genial Machado de Assis em *Dom Casmurro* ou em Brás Cubas, de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, cujo personagem, ironicamente, não só pertence ao subsolo psicológico, mas também ao subsolo físico. Todavia, pensamos que Graciliano Ramos é quem conseguiu captar o ideal do subsolo com grande maestria, pois há qualquer coisa de desânimo, de incompletude, de ausência de si nas obras desse autor; não que Machado de Assis não tenha sido brilhante, mas sua ironia ácida serve como uma espécie de bálsamo, seus narradores conseguem consolar-se com seu final. Já em Graciliano não há possibilidade de consolo, somente há culpa e dor.

Graciliano Ramos foi leitor e admirador confesso de Dostoiévski. Não pretendemos discutir aqui se Graciliano Ramos teve ou não influência na criação de seus personagens, pois não só esse conceito (de fontes e influência) parece um tanto ultrapassado, mas também porque ambos tratavam do mesmo assunto: o homem. O que pretendemos, neste trabalho, é analisar dois dos maiores personagens da literatura nacional - Paulo Honório, de *São Bernardo*, e Luís da Silva, de *Angústia* -, usando como base o conceito de subsolo.

Segundo João Luiz Lafetá, *São Bernardo* é a obra mais categórica sobre solidão já escrita. Ainda que Luís da Silva pareça ser mais solitário (e mais angustiado) que o protagonista de *São Bernardo*, pode ser dito que aquele não sofre tão intensamente quanto este dadas as diferenças nas histórias dos

personagens, seu posicionamento ante o mundo, mas, sobretudo devido à localização psicológica dos personagens. Para nós, Paulo Honório é um homem do subsolo, ou melhor, cremos que ele se torna um homem do subsolo no decorrer da narrativa e que nisso consiste sua solidão, pois ele foi um homem que viveu a “vida viva” e que teve uma existência completa, percebendo no final que perdeu tudo por capricho. Já o protagonista de *Angústia* habita outro compartimento da psique humana, uma vez que sua ausência de consciência não permite que ele habite o subterrâneo. Esse espaço psicológico que comporta Luís da Silva vai ser nomeado em homenagem ao próprio personagem como “angústia”.

Essa análise inicia-se dissecando os conceitos de consciência e inconsciência, pois estão intrinsecamente conectados com a concepção do homem do subsolo, dado que este precisa necessariamente ser consciente de si e de seus atos. Seguiremos definindo dois conceitos que consideramos chave para o entendimento dos personagens. Pensamos que os conceitos de solo e de subsolo são fulcrais para perceber o que faz um homem pertencer ao subterrâneo psicológico, uma vez que ambos os conceitos estão diretamente ligados às ideias de Dostoiévski sobre como a modernidade russa gerou o homem do subsolo e também pelo fato que essas ideias também fazem parte da modernidade brasileira. Da mesma forma, achamos necessário definir a modernidade, ou melhor, o homem da modernidade, já que é somente a partir da fragmentação das identidades, fato ocorrido na modernidade, segundo Hall (2006), que não só podemos chegar ao homem do subsolo, mas também chegamos ao conceito de identidades intercambiáveis, ou seja, não somos os mesmos homens e mulheres do início ao fim das nossas vidas, e dessa, forma o rude homem de ação Paulo Honório pode tornar-se um deprimido homem do subsolo e o angustiado Luís da Silva pode cometer um crime bárbaro, reservado somente a homens de ação. O último capítulo dessa análise está reservado para o estudo detalhado dos homens citados e começará definindo quem é o homem do subsolo para então definir por que Paulo Honório faz parte desse imaginário e Luís da Silva não.

Antes de começar esse estudo, algumas observações precisam ser feitas. Para marcar a diferença entre a denominação homem do subsolo como personagem e como caracterização do(s) personagem(ns) vão se utilizar letra maiúsculas para nomear o personagem. O termo “sobressolo”, conectado às noções de subsolo e solo, vai ser sempre utilizado entre aspas dado que, de acordo com o Houaiss eletrônico, tal verbete é inexistente. Também mencionamos que há diversas traduções para a obra de Dostoiévski, desde *Memórias do Subterrâneo* até *Notas do Subsolo*, e também várias maneiras de escrever o sobrenome do autor, dependendo da edição. Procuraremos usar uma grafia padrão para o sobrenome e também para o título *Notas do Subsolo*, ambos referentes à edição usada nesse trabalho – um volume impresso pela editora LP&M em 2009.

## 2. Consciência: batalha entre gigantes

*“Sendo preciso estar armado até os dentes para entrar em si mesmo” (Paul Valery)*

Primeiramente, é importante salientar a noção de consciência em *Notas do Subsolo*. A consciência existiria como um agente marginalizante, uma vez que ter consciência é perceber que não se é mais inteiramente “humano” e não se consolar com isso, mas não mudar mesmo assim.

*Asseguro-lhes que ter uma consciência exagerada é uma doença, verdadeira e completa doença...*

*Apesar de tudo, estou firmemente convencido de que não só a consciência em alto grau é uma doença, como também o é qualquer consciência.*

*Explico-lhes: o deleite aqui derivava precisamente da consciência de minha humilhação; de que você sente que já chegou ao derradeiro limite; que isso é detestável, mas também, que outra coisa é impossível; que você já não tem saída, já não pode mudar. Mesmo se ainda restasse tempo e fé para se transformar em algo diferente, provavelmente você mesmo não iria querer se transformar; e, se quisesse, ainda assim não faria nada, porque talvez não houvesse no que se transformar. (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 14-5) <sup>1</sup>*

Para Sigmund Freud, a consciência seria a menor e mais fraca parte do eu. Freud dividiu a nossa psique em três partes: o id, o superego e o ego. Tanto o id quanto o superego são manifestações inconscientes da mente, enquanto o ego é a mente consciente.

O id é a manifestação dos impulsos e desejos mais primitivos. O id pode ser entendido como o instinto animal dentro de nós: o desejo sexual, a ânsia pelo alimento, a percepção de perigo e a necessidade de defesa. O id também compreenderia os valores surgidos da “civilização do homem”: o desejo pelo poder, a ambição, a violência. Como é o lado hedonista do homem, exige

<sup>1</sup> DOSTOIÉVSKI, Fiódor: *Notas do Subsolo*, tradução direta do russo por Maria Aparecida Botelho Pereira Soares. Porto Alegre: LP & Pocket, 2009. Essa é a edição que será utilizada para referências e, portanto, só se fará menção à página.

satisfação imediata. O conceito de id também está ligado à natureza sexual do homem, mas que “sexualidade não se reduz ao ato sexual genital, mas a todos os desejos que pedem e encontram satisfação na totalidade de nosso corpo.” (CHAUÍ: 2000).

O superego é a guiado pelas imposições da sociedade e funcionaria como um guia moral, um freio ao id, impedindo-o de se manifestar como bem entende. O superego é formado durante a infância e a pré-adolescência e, segundo Freud, é durante esse período que a personalidade se forma. Assim sendo, na fase adulta, ele é quem controlará, ou melhor, censurará os impulsos.

O ego, ou eu, é a personalidade surgida dessa batalha entre id e superego e é a parte consciente da psique humana e que este pouco percebe o que acontece no inconsciente: "A Psicanálise propõe mostrar que o Eu não somente não é senhor na sua própria casa, mas também está reduzido a contentar-se com informações raras e fragmentadas daquilo que se passa fora da consciência." (ibidem) Daí, compreende-se que a consciência pouco percebe sobre o que aconteceria no interior da psique humana. Freud salientou também que, apesar dessa pouca percepção, o ego teria três ações: a primeira é suprimir o id e satisfazer o superego; a segunda é limitar a ação do superego para satisfazer o id. Tal ação, ainda que paradoxal, visa manter o equilíbrio de próprio ego, pois se o superego tiver o controle, o ego enlouqueceria, jamais realizando seus desejos e, se o id tivesse o controle, o ego seria imoral, dado que faria qualquer coisa para atingir seus objetivos. A terceira ação do ego é adaptar-se ao mundo, para não ser destruído por ele.

O inconsciente, portanto, é suprimido pelo ego. Entretanto, isso não quer dizer que ele não se manifeste. Se ele não pode funcionar de forma real, ele pode usar a “substituição” como válvula de escape. É nesse contexto que entra o sonho, o lapso e os chamados atos falhos, que seriam formas de realizar indiretamente nossos desejos: por exemplo, sonhar com um incêndio seria a manifestação (e realização imaginária) de um ato sexual que o superego considera amoral. Alguns objetos reais ou imagens dos mesmos também funcionariam como substitutos desses desejos.

É interessante observar a relação que cada uma das três divisões da nossa mente parecem – observamos que essas são as identidades que eles assumem por mais tempo na narrativa e que guiam suas ações mais importantes - corresponder a cada um dos protagonistas observados: o Homem do Subsolo sofre justamente por ter um ego excessivamente desenvolvido, a tal ponto que ele percebe a luta do id e do superego e sofre por isso. O problema dele não está relacionado a esta batalha, mas talvez seja resultante da falha do próprio ego em adaptar-se ao mundo. Ou seja, o ego não falhou ao reprimir o inconsciente do Homem do Subsolo, mas sim ao interagir com aquilo que não eram “informações raras e fragmentadas”, para usar as palavras do próprio Freud (CHAUÍ: 2000). O ego falhou naquilo que ele teria mais controle.

Já em *Angústia* percebemos que Luís da Silva sofre pela ação de um superego altamente desenvolvido. Tal se evidencia principalmente na relação que ele tem com o sexo, nesse caso, com o ato sexual genital:

*Luís da Silva é movido pela presença do desejo (...) sexual. Seus desejos são fragmentados, descontínuos e acima de tudo parasitas e fazem-no até o final do romance permanecer num contexto de alucinação, sonho, confusão e morte, sem conseguir projetar seu “eu” no mundo. (BIZZELO: 2001, p 213)*

Ademais, “Luís tem a obsessão da intimidade dos outros. Fareja safadezas, vê em tudo manifestações eróticas e vestígios de posse.” (CÂNDIDO: 1956, p.42). Luís reconhece os moradores da casa vizinha no banheiro pela maneira como tomam banho e descreve viva, perturbadora e insistentemente a vida sexual dos vizinhos. Para completar a insatisfação de Luís, ele se anula como sujeito no seu cotidiano: evita olhar as pessoas nos olhos e anda com a cabeça baixa, constantemente cede às necessidades alheias, suprimindo às suas; mesmo no bonde, ele se encolhe a ponto de ficar desconfortável, assim o “outro” tem relativo conforto na condução. Luís anula-se completamente durante a maior parte do romance, num estado de angústia tal, que acaba por enlouquecer, assassinando Julião Tavares. Complementando o raciocínio de que Luís da Silva seria governado pelo subconsciente, evoca-se o título da obra: *Angústia*. Para tanto, é indispensável citar Cristiane Guimarães Arteaga, que, em sua

dissertação de mestrado, argumenta que a angústia é uma sensação de apreensão surgida do interior, cujas causas são desconhecidas. “A consciência do indivíduo percebe a ameaça de um castigo perante a força de um instinto, e como o ego é muito fraco e fica atemorizado frente a um perigo mostrado por uma censura interior (o superego), nasce a angústia.” (COSTIN apud Arteaga, 2005, p.42).

Paulo Honório é comandado pelo id. Governado pela necessidade de obter a fazenda que dá nome ao romance, usa todos os subterfúgios possíveis para alcançar seus objetivos, desde usar de má fé contra Luís Padilha a mandar matar seus opositores. O que fortalece a ideia de um homem controlado pelo id é o fato de que Paulo Honório raramente hesitar antes de tomar uma ação drástica, muito pelo contrário, pensar com cuidado antes de agir – como, por exemplo, no dia do assassinato de Mendonça, antagonista na questão das divisas entre as fazendas São Bernardo e Bom-Sucesso, para o qual Paulo Honório tinha um alibi, mas se subtende que Paulo Honório é o responsável – e também por não sentir qualquer remorso, como o trecho abaixo deixa claro: “A verdade é que nunca soube quais foram os meus atos bons e quais foram os maus. Fiz coisas boas que me trouxeram prejuízo; fiz coisas ruins que deram lucro.” (RAMOS: 1989, p.39). Tais evidências mostram que o superego de Paulo Honório não consegue controlar o id, mas, sobretudo, mostram que o superego não foi inteiramente formado durante o período de desenvolvimento natural. O superego não conhece as fronteiras entre o bem e o mal, entre o certo e o errado. Essas fronteiras parecem fluídas e são demarcadas conforme as necessidades do protagonista, evidenciando seu hedonismo e egocentrismo.

Entretanto, apesar de seu id superdesenvolvido, que é reforçado por um superego subdesenvolvido, o desfecho da obra traz um homem transformado pela dor e pela culpa. O ego, outrora esmagado pelo id, assume o controle da psique do narrador: de um homem obcecado pela ideia de lucro e posse para um homem assombrado pelo fantasma da mulher. A morte de Madalena funciona dentro da obra como um catalisador que traz à superfície à consciência de Paulo Honório. Ele percebe a falibilidade de seus objetivos, o

vazio da sua vida e seus erros como ser humano, sendo capaz de entrar em si e ver seu lado negro, mas, acima de tudo, reconhecer que faria tudo de novo. Assim como o Homem do Subsolo, a consciência é a responsável pelos cacos de homem que encontramos no final da narrativa. Se ele ainda fosse controlado pelo id, não teria sido afetado pela morte da esposa; se ele fosse vítima do superego, possivelmente se suicidaria devido à culpa ou enlouqueceria por romper os limites da moral tão profundamente.

### 3. O solo

A sociedade nascida do desenvolvimento do capitalismo desordenado russo criou a distância entre dois mundos: o mundo rural e o mundo burguês. O primeiro conseguiu existir (relativamente) isolado da influência dos novos valores surgidos do capitalismo – a saber, o anti-humanismo, a solidão, o individualismo -, o segundo injetou-os diretamente no cerne da nova sociedade. Esses valores impregnaram a vida da recém-surgida burguesia, que, adotando o ideal individualista, “optou” por isolar-se de seus pares e afastou-se não só de seus vizinhos, mas também de suas raízes e principalmente de si. É nessa vertente de solidão que surgiu o homem do subsolo.

Segundo Boris Schnaiderman, *Memórias do Subsolo* “constitui clímax como ‘desligamento do solo’, em que vivia boa parte da sociedade russa” (SCHNAIDERMAN, 1983, p. 31). O solo constituiria um movimento de oposição aos valores burgueses, anti-humanistas. Além disso, o “ligamento ao solo” envolveria aproximação entre opostos: a dita classe instruída e a massa. No entanto, de acordo com Schnaiderman, esse movimento, encabeçado por Dostoiévski e seu irmão Mikhail, não apregoa ação, reação ou revolução, mas apenas o reencontro da sociedade com suas raízes, ou melhor, a volta ao solo.

Compreende-se daí que o solo surge em oposição à cidade e é nessa perspectiva que o Homem do Subsolo se encontra. Se o solo representa o campo e as raízes russas, a cidade deve representar, por essa lógica, o “sobressolo”, pois metaforicamente as cidades são construídas a partir da concretização do solo, ou seja, as cidades surgem acima do solo. No entanto, enfatizo que na cidade há duas possibilidades de existência: a dos homens de ação e dos homens do subsolo. Os homens do “sobressolo”, ou homens de ação, são aqueles que conseguiram se adaptar a vida nas cidades e abraçaram os valores burgueses em maior ou menor grau, todavia, não têm consciência disso. Esses homens agem na sociedade, possuem empregos, família, eles possuem aquilo que o Homem do Subsolo denomina “vida viva”<sup>2</sup>,

---

<sup>2</sup> A tradutora de *Notas do Subsolo*, Maria Aparecida Botelho Pereira Soares, explica que “vida viva” era um termo comum da literatura russa do século XIX e que seria uma oposição à vida inventada ou sonhada, ou seja, uma vida que se vive realmente, contrária à vida mental que o Homem do Subsolo possui. A ideia de “vida viva” também é um contraponto à vida vivida literariamente (em oposição à literalmente), isto é, a vida que se vive através dos romances, através das palavras de outro, ou talvez, a partir das próprias palavras, a vida da qual se tem

ou seja, eles vivem. São as pessoas que conseguiram se adaptar à vida longe do solo, que aprenderam a sobreviver ao novo caos, à ausência de valores, são sujeitos agentes. Entretanto, são sujeitos sem consciência de um eu individual e alienados, são incapazes de perceber que lhes falta uma parte do eu, representado pelo solo. O anti-herói de Dostoiévski representa o outro lado da cidade: os homens que não conseguiram se adaptar a essa mudança. Note que o Homem do Subsolo não quer viver longe da cidade. Ele sabe que o campo seria um lugar melhor para ele, mas ele recusa-se a ir (voltar?) para perto do solo:

*Dizem que o clima de São Petersburgo está se tornando prejudicial para mim e que, com os recursos insignificantes de que disponho, é muito caro viver aqui. Sei de tudo isso melhor que esses conselheiros e protetores experientes e sábios. Mas permaneço em São Petersburgo; não vou sair de São Petersburgo! Não vou sair... Ora! Não faz diferença nenhuma se vou sair ou não. (DOSTOIÉVSKI, p.14)*

Ou seja, ele sabe que a cidade lhe faz mal, no entanto, ele prefere continuar lá, ainda que mal, possivelmente porque sabe que se na cidade ele não se encaixa, no solo, ele provavelmente também não se encaixará, pois ele desligou-se do mesmo, dado que os valores do “sobressolo” já estão dentro dele. A questão é, por que esse homem está sobrando na cidade? O fato é que esse homem não conseguiu adaptar-se como o homem de ação. Ele tem plena consciência de que perdeu parte de sua humanidade e não está contente com isso. Ele percebeu que perdeu parte de si e não consegue resignar-se com essa perda: “Por acaso um homem com consciência pode ter algum respeito próprio?” (ibidem, p.25). Ele não aceita os valores burgueses, mas, ao mesmo tempo, não consegue afastar-se deles. Por estar desligado do solo e não conseguir se integrar ao “sobressolo”, sobrou para esses homens apenas o subsolo, onde os valores anti-humanistas existem, mas a consciência desse homem impede seu possuidor de viver junto aos homens de ação.

Em *Angústia*, encontramos um fenômeno similar, ainda que o personagem central tenha um posicionamento diferente do Homem do Subsolo. Luís da Silva, último representante de uma decadente família agrária,

---

notícia e não experiência.

perdeu contato com o solo, com o qual tinha uma relação muito íntima. No entanto, foi forçado a isso por condições socioeconômicas, precisando viver no “sobressolo”. Entretanto, Luís da Silva é incapaz de romper definitivamente com o solo e, dessa forma, é incapaz de viver na cidade. Os valores do “sobressolo” se adaptam de forma torta em Luís, e os valores do solo já estavam deturpados no seio familiar: seu pai, um homem rude e recalcado com a decadência familiar, criou o menino isolado, imerso num ambiente de tortura – como as “aulas de natação” – e misógino, as referências femininas do passado desse protagonista são sempre as amantes do avô e sua avó despreendida, quieta e “casta”, as referências à mãe são inexpressivas ou inexistentes. Luís da Silva tem percepção do mal que vive, mas, devido a sua personalidade angustiada, prefere baixar a cabeça e seguir seu caminho. Às vezes, parece-nos que o maior contato humano de Luís da Silva ocorre durante suas andanças cegas pela cidade quando ele tromba com algum transeunte. Incapaz de viver em qualquer um dos dois espaços, Luís da Silva não pode habitar o subsolo. Se antes ele possuía manifestação excessiva de seu inconsciente através de seu superego hipertrofiado, agora, no presente da narrativa, ele está marcado pela ação da inconsciência e da vingança - ambos representados pelo assassinato de Julião Tavares. Assim, Luís da Silva habitaria um quarto lugar, localizado entre o solo e o “sobressolo”, no qual ele é governado pela inconsciência, e que eu chamaria de... angústia.

Paulo Honório é o único dos três que possui uma relação efetiva com o solo, mas essa ligação é frágil, dado que é uma ligação mais física que ideológica. Se o solo deve ser uma oposição ao ideário burguês- capitalista- industrializado, ele representa o mundo agrário, pleno de valores humanos: (como solidariedade, interpessoalidade) e contato com o outro (esse outro visto como sujeito). Em *São Bernardo*, observamos justamente o contrário: Paulo Honório transfere os valores do “sobressolo” para o solo, deturpando assim toda a significação que o último deveria ter. Desta forma, Paulo Honório transforma o último reduto do anti-capitalismo num símbolo do próprio capitalismo. Pior: Paulo Honório transforma São Bernardo numa extensão de sua personalidade, coisificando-se. O solo transforma-se numa espécie de “sobressolo” rural. Entretanto, essa possibilidade não existe dentro da lógica

humanista: ou se é solo e se protege os valores representados pelo mesmo ou se é “sobressolo” e se glorifica a ausência desses valores. Esses valores serão os responsáveis por envenenar a alma de Paulo Honório, destituindo-o da humanidade necessária para ver o outro, especialmente Madalena. Entretanto, o suicídio da mesma o faz perceber a sua desumanidade, desligando-o do solo físico – ele não estava ligado ao solo moralmente -, e também o desconectando moralmente do “sobressolo”. Incapaz de continuar no solo por nunca ter compreendido seus valores e incapaz continuar abraçado aos valores do “sobressolo”, pois adquiriu consciência do que eles significam, Paulo Honório passa a habitar o subsolo, reconhecendo suas falhas, mas, acima de tudo, reconhecendo sua monstruosidade.

### **3.1 - O Subsolo**

A primeira pergunta que surge é o que é o subsolo, mais especificamente? Dentro da lógica espacial, o subsolo é o espaço abaixo do solo. O solo é onde metaforicamente plantamos e colhemos os frutos de nossas relações, ou seja, um solo bem “alimentado” nos fará viver boas relações, quanto mais profundas as raízes, mas forte são as relações que nos unem a outros indivíduos. Por essa lógica, poder-se-ia pensar que o subsolo é onde as raízes mais profundas se encontram, mas a verdade é que esse subsolo é tão profundo que as raízes ou não alcançariam esse espaço, ou morreriam pela ausência dos elementos básicos que as mantêm vivas. Compreendemos o subsolo como espaço no qual enterramos os nossos mortos, onde não é possível a sobrevivência devido à ausência de luz e calor. Do subsolo é impossível surgir vida e, se por acaso surgir alguma forma de vida, ela será deformada e dificilmente conseguirá sobreviver por muito tempo. O subsolo da obra não é, obviamente, o espaço abaixo do solo – ainda que a metáfora seja uma boa representante do que o subsolo representa para seus habitantes -, mas sim uma espécie de super-consciente psicológico, onde os homens que pertencem a esse espaço ontológico - “em que a profunda complexidade e ambiguidade do humano moderno, já presentes em nossa personagem, são levadas ao extremo” (CALLEGARI, 2005, s/p) - encontram-se presos por sua consciência hipertrofiada. São os chamados “heróis do

pensamento”, vítimas da Modernidade. Sabem que estão perdidos, inacabados, têm noção de que sua consciência é uma doença, que ao contrário do que sempre foi dito, ter consciência não é estar liberto, mas sim estar preso, encarcerado. Essa é a essência dos homens do subsolo. O homem está refém do próprio homem. É ser enterrado vivo dentro de si mesmo, sem chance de ser libertado. É ser obrigado a conviver consigo mesmo, conhecendo suas limitações, suas falhas, sua finitude. É saber que não se é nada e que devemos nos contentar com isso. O homem do subsolo não está mais ligado à sociedade, pois foi aniquilado por ela.

De qualquer forma, pode-se compreender que o subsolo também representaria a ideia de distopia, dado que uma distopia é, superficialmente falando, o contrário da utopia. O conceito de utopia não pode ser associado à realidade, uma vez que elas surgem para preencher necessidades que a sociedade não foi capaz de cumprir; assim sendo, utopias são o reflexo do imaginário que uma determinada sociedade julga ser o ideal de perfeição. Já distopias estão inextricavelmente conectadas à sociedade, pois surgem como denúncia dos males sociais, desde a falta de liberdade pessoal, política ou cultural até a mais pura alienação. Distopias surgem também como uma resposta às utopias, pois aquelas são o estágio seguinte às mesmas: o homem não teria capacidade de viver numa utopia. Embora o conceito de distopia seja mais frequentemente ligado a sistemas políticos totalitaristas – como acontece em *A revolução dos Bichos* ou *Admirável Mundo Novo* -, podemos considerar o subsolo como distopia, uma vez que ele surgiu como resposta ao “sobressolo”. Para compreender o capitalismo como utopia, é preciso perceber esse sistema econômico como gerador de alterações políticas e sociais – por exemplo, o fim do feudalismo ou a queda das monarquias na Europa -, e, que houve queda no preço de alimentos e de bens. Assim é possível perceber o capitalismo como uma espécie de utopia, já que, em relação a outros sistemas, como a monarquia ou o feudalismo, havia alguma compensação para o povo, como a queda do preço dos alimentos. O surgimento do subsolo evidencia que os problemas desse sistema econômico, pois aponta as falhas dele. A ideia primeira do capitalismo é o lucro e a possibilidade de ascensão social, seguida pela ideia de democracia; assim, pensasse na possibilidade de

horizontalização do poder e igualdade entre os homens, mas acima de tudo, o homem não está mais preso a uma função social, servo, por exemplo, por toda sua vida, podendo tornar-se quem ele quisesse ser. Todavia, o Homem do Subsolo provaria que tais pressupostos não são bem verdade. O capitalismo afastaria as pessoas e daria oportunidade apenas para alguns indivíduos, independente deles merecerem ou não, legando aos outros o esquecimento ou a miséria.

### **3.2. O Subsolo e as relações humanas**

Mikhail Bakhtin define o conceito de polifonia da seguinte forma: “A essência da polifonia consiste justamente no fato de que vozes, aqui, permanecem independentes e, como tais, combinam-se numa unidade de ordem superior à da homofonia” (BAKHTIN, 1981, p 16). O filósofo russo complementa a citação acima com a seguinte citação de Lunatcharsky - que, na verdade, é sua própria tese de uma forma mais clara:

*Deste modo – escreve Lunatcharsky – admito que M. M. Bakhtin conseguiu não apenas estabelecer, (...), a imensa importância da multiplicidade de vozes no romance de Dostoiévski, o papel dessa multiplicidade de vozes como traço característico mais importante do seu romance, mas também determinar com exatidão a imensa autonomia (...) e a plenivalência de cada “voz”, desenvolvida de maneira formidável em Dostoiévski (p.405). (BAKHTIN, 1981, p.26)*

Compreende-se por tal que a ideia de polifonia preconiza a igualdade de vozes presentes no discurso, ou seja, independente da força do discurso do protagonista, ela não será mais forte que as vozes em torno de si. Todas as vozes teriam o mesmo valor e não poderiam ser substituídas entre si: o que eu afirmo não poderá ser adotado por outro “eu”, pois esse outro “eu” tem sua própria voz.

Analisando o Homem do Subsolo pelo conceito de polifonia, a princípio, podia-se acreditar que se trata de um romance homófono, uma vez que se trata do monólogo interior de um homem marcado pela solidão. No entanto, esse homem passou quarenta anos escutando o que os outros tinham a dizer sobre

ele a tal ponto que ele mesmo é capaz de reproduzir as respostas que os outros dariam a suas formulações:

*O herói do subsolo dá ouvido a cada palavra dos outros sobre si mesmo, olha-se aparentemente em todos os espelhos das consciências dos outros, conhece todas as possíveis da sua imagem nessas consciências; conhece até sua definição objetiva, neutra tanto em relação à consciência alheia quanto à sua própria autoconsciência, leva em conta o ponto de vista de um 'terceiro'. (BAKHTIN, 1981, p.44)*

A complexidade da construção do narrador é tamanha que, por vezes, nos perdemos em suas reminiscências, sem saber quando ele fala sério ou quando brinca ou sem saber se ele quem fala ou se é ele apenas está reproduzindo o outro. O Homem do Subsolo, aliás, não só reproduz o outro, mas constantemente o interrompe. Entretanto, é preciso salientar que o herói sem nome jamais abafa a consciência do outro. Ou seja, mesmo invisível (ou seria ausente?), esse outro tem voz que ativa e é ouvido pelo protagonista, tanto que é essa outra voz que desperta as confissões e é para essa voz que o narrador reage com escárnio ou raiva.

Em *Angústia*, observa-se um fenômeno que talvez seja mais complicado de compreender. Não há polifonia, mas a voz do narrador não se sobrepõe às outras vozes. Ao contrário, Luís da Silva é constantemente reprimido pelas vozes de outros. Como foi dito anteriormente, a consciência confusa de Luís da Silva não é suficiente para suprimir seu superego. Tal quadro se completa com as constantes lembranças da infância e os valores agregados ao passado familiar, que traziam consigo a marca do escravismo, do coronelismo e da derrota. O passado de Luís, ainda que bastante sofrido, era mais forte dentro dele como voz que o seu presente. O protagonista também se curva ante o chefe da repartição, submete-se aos ideias alheios ao escrever para o jornal, esconde-se do mundo que não compreende e ao qual não consegue se adaptar. E por fim, deixa-se abafar pela voz de Julião Tavares, muito mais forte, mas muito menos significativa que a dele.

Com Paulo Honório acontece justamente o contrário: sua voz abafa a de todos os outros. Embora o conceito de polifonia refira-se a consciências e o

narrador de *São Bernardo* seja dominado pelo seu inconsciente, o conceito sim pode ser utilizado como referente, uma vez que não existe consciência capaz de sobrepor-se ao inconsciente do senhor de São Bernardo. Aliás, a relação de Paulo Honório com outras vozes dá-se exatamente pela relação de Senhor e servo. Nenhuma voz consegue impor um outro eu dentro da narrativa. As únicas vozes que se sobressaem são a do velho Mendonça, dono da fazenda Bom-Sucesso e inimigo de Paulo Honório devido os limites entre as fazendas, que acaba assassinado numa emboscada sem se concretizar sua voz; e Madalena, que tenta ser percebida como outra consciência dentro da narrativa, mas que é sublimada por Paulo. Somente a morte fará com que sua voz seja ouvida, tornando-se um eco tão forte que assombrará o protagonista pelo resto da vida. Honório não perderá sua voz, mas dividirá as atenções com o fantasma de Madalena. Irônico pensar que é depois de morta que a professora mais grita.

Bakhtin ainda cita Vyatcheslav Ivanov, que preconiza um dos aspectos que definem o universo Dostoiévskiano é o conceito de penetração do eu, que complementam o entendimento possível dos protagonistas escolhidos:

*“Afirmar o ‘eu’ do outro não como objeto mas como outro sujeito, eis o princípio da cosmovisão de Dostoiévski. Afirmar o ‘eu’ do outro – o ‘tu és’ – é tarefa que, segundo Ivanov, devem resolver todos os heróis Dostoiévskianos, para superar seu solipsismo ético (...) a afirmação do outro não como objeto mas como outro sujeito...” (BAKHTIN, 1981, p.5)*

Através dessa perspectiva, temos nova diferenciação entre os personagens escolhidos:

O Homem do Subsolo afirma o “eu” do outro como sujeito (mesmo que como um sujeito inferior), o que fica claro no episódio da prostituta: ele compreende a prostituta Liza como semelhante, mas é incapaz de relacionar-se com ela, pois sua personalidade egoísta exigiria que Liza se submetesse a ele. O Homem do Subsolo compreende o amor de forma distorcida:

*“Em primeiro lugar, eu já não tinha capacidade de amar, porque, repito, amar para mim significava tyrannizar e dominar moralmente. Toda a minha vida eu nunca pude nem ao menos imaginar outro tipo de amor.” (DOSTOIEVSKI, p 144)*

Embora a ideia de tiranizar e dominar alguém revele não só uma personalidade perturbada, mas também a visão objetificada que o “eu” do outro que o protagonista poderia ter. No entanto, a ideia horroriza o Homem do Subsolo a tal ponto que ele se recusa a continuar sua “caça” pelo perdão da jovem, pois sabia que iria humilhá-la no dia seguinte. Alguém que vê o outro como objeto não teria problemas em submeter a jovem a sua noção de amor distorcida e como o Homem do Subsolo tem consciência do absurdo que seria sobrepujá-la, podemos compreender que ele enxerga o outro como sujeito. Ainda que seu eu primitivo perceba o “eu” do outro como um objeto a ser dominado, sua mente consciente impede-o de agir.

Luís da Silva reconhece o “eu” do outro como sujeito, como evidenciam suas relações como os amigos Moisés, seu Ivo, Pimentel e mesmo com Julião Tavares e Marina. O problema de Luís da Silva encontra-se no fato de ele ter dificuldade em se reconhecer como sujeito; Luís percebe reflexos de si nos outros:

*“Na crispada corrente da narrativa, todos se dispõem como projeção dele próprio: a miséria dos outros é a sua e uma vaga fraternidade liga-o a seu Ramalho, à fraqueza de d. Adélia, à maluquice de Vitória. O vagabundo Ivo é um eco de sua própria inquietação, da resignada submissão ao fado;” (RAMOS: s/d, p.41)*

O protagonista também se compara a animais com frequência. Parece-nos que sua identificação como sujeito dá-se sempre em relação ao outro e geralmente de forma negativa, especialmente em relação a Julião Tavares, em quem ele percebe grandes deficiências intelectuais – especialmente se comparada às capacidades dele mesmo -, mas que ainda assim lhe inspira sensações de inferioridade, provavelmente devido ao fato de ele desprezar tudo aquilo que o seu antagonista representa, principalmente os valores capitalistas, a verbosidade e o patriotismo cego e ufanista, mas desejar para si essa personalidade e essas características. Muito além daquilo que ele não tem materialmente, Julião Tavares representa tudo aquilo que ele não é: desenvolvido, magnético, representativo. Mesmo que o rico comerciante seja estúpido e vazio, tanto Luís da Silva quanto seus companheiros encolhem-se diante da figura dele e emudecem ante sua figura. Julião Tavares, por fim,

consegue fazer algo que Luís não se permite fazer: viver a vida: “Julião Tavares, que entra na vida de ombros e cotovelos, possui uma desenvoltura que o atrai” (RAMOS: s/d, p.41). Embora Luís deteste o inimigo, não tem forças para expulsá-lo de sua vida. Entretanto, tal panorama dura apenas até a traição de Marina quando o subconsciente de Luís assume o controle da mente do rapaz, permitindo que ele perceba Julião Tavares como um objeto e autorizando assim seu assassinato. A própria Marina parece ser desumanizada após a traição. Antes do noivado, Luís atribuía pouco valor a ela (como indicam os adjetivos lambisgóia, burra, perua), mas tinha apreço o suficiente para escolhê-la como futura esposa – mesmo que essa escolha fosse baseada num ideal carnal e não num desejo afetivo – e mesmo considerando-a inferior intelectualmente, percebia no casamento uma perspectiva de felicidade. O rompimento de ambos joga Luís numa espiral obsessiva, na qual Marina é ora vista com desejo (e Luís acredita que aceitaria a “amada” de volta), ora é comparada à avó paterna do protagonista, sempre em desvantagem em relação à primeira. Luís sente necessidade de esbofeteá-la, de enriquecer para possuí-la de volta ou para humilhá-la, enxergando-a na sarjeta, faminta e esmolambada, como um cachorro faminto ou um rato.

Paulo Honório, no entanto, percebe “eu” do outro como objeto e dessa forma, não se opõe à ideia de reduzi-los à posse, muito pelo contrário, faz questão de possuir os “seus”. Essa afirmação do “eu” como objeto evidencia-se na relação com seus empregados, que são meros instrumentos para o desenvolvimento de São Bernardo; com seus amigos, que são apenas para afastar a solidão; no casamento com Madalena, que foi apenas uma forma de obter herdeiros. Note, o narrador percebe que queria bem a futura esposa, mas ele só busca uma companheira para toda vida baseado no desejo racional de querer um filho para herdar a fazenda e não por amor, pois ele não percebe a possibilidade de realizar-se romanticamente com Madalena. A maioria se submete a essa objetificação passivamente e aqueles que não o fazem são castigados até entenderem sua relação com seu possuidor. É nesse jogo de submissão que Madalena se destaca. Paulo Honório percebe a esposa como mais um “eu” objetificado que precisa ser possuído. Ela, consciente de seu “eu” sujeito e libertária por natureza, não só se recusa a ser possuída, como

também não aceita que os outros sejam posses do esposo. Dessa recusa, nasce a revolta de Paulo Honório e sua tentativa obsessiva de possuir a esposa. Inconsciente de sua visão distorcida de eu e guiado por um id monstruoso, o protagonista utiliza todas as suas armas para submetê-la. Madalena, no entanto, não cede e busca liberdade no suicídio. É com esse ato final que a professora liberta a consciência do marido. Paulo finalmente percebe a esposa como um “eu” sujeito tão forte que preferiu a morte a ser um “eu” objeto. A partir daí, o mundo dele é implodido e ele enxerga quem está a sua volta como “eu” sujeitos também. A evidência da mudança do caráter de Paulo é a despedida de dona Glória, quando o homem recusa-se terminantemente a deixar que a tia de sua amada vá embora sem perspectiva de um futuro, insistindo que ela tenha uma espécie de pensão mensal, além de um ordenado imaginário que ele deveria a ela. Aos poucos, Padre Silvério, Luís Padilha abandonam o homem, o que ele “permite” que aconteça, pois não os percebe mais como posse; logo, eles são livres para ir.

#### 4. A Identidade Moderna

Uma questão a ser levantada é se existe possibilidade de alteração na identidade desses homens; é possível que Paulo Honório deixe seu lugar no (sobre)solo para habitar o subsolo e que Luís da Silva saia de “angústia” para habitar um outro lugar? De acordo com Stuart Hall, não é impossível, uma vez que a sociedade vive uma “crise de identidade” – que ele define como a fragmentação do sujeito-, resultante da mudança de paradigmas sociais. Tais mudanças decorrem da transformação da sociedade tradicional em sociedade moderna. Primeiro, vamos definir o que é modernidade e depois falaremos na questão da identidade.

Laclau (apud HALL, 1990, p.16) compreende sociedade moderna utilizando o conceito de deslocamento. Por tal, entende-se que a estrutura social deslocou seu eixo daquilo que era seu centro; entretanto, esse centro não é substituído por um novo centro, uno e coeso, mas sim por “uma pluralidade de centros de poder” (idem). Assim, podemos assumir que não há mais um centro que articule as leis, por exemplo, mas diversas composições fragmentadas que “comandam” o homem com leis muitas vezes paradoxais.

A fragmentação do sujeito decorreria dessa descentralização do eixo da sociedade, que levaria consigo o eixo do sujeito. O centro do universo pré-moderno deslocou-se devido a uma série de rupturas naquilo que se acreditava serem as bases do conhecimento. Hall lista cinco grandes rompimentos daquilo que se acreditava estabilizado. Para nós, só interessam dois. O primeiro é Freud, que destruiu as certezas sobre a razão ao falar sobre o inconsciente como motor do eu, que foi dividido em id, superego e ego. O outro rompimento importante ocorreu com Michel Foucault. Para ele, a sociedade vive sob o “poder disciplinar”, que começou a se desenvolver a partir do século XIX.

*O objetivo do ‘poder disciplinar’ consiste em manter ‘as vidas, as atividades, o trabalho, as infelicidade (sic) e os prazeres do indivíduo’, assim como sua saúde física e moral, suas práticas sexuais e sua vida familiar, sob estrito controle e disciplinas, com cabe no poder dos regimes administrativos, do conhecimento especializado dos profissionais e no conhecimento especializado dos profissionais e no*

*conhecimento fornecido pelas 'disciplinas' das Ciências Sociais. (HALL, 1990, p.42)*

Tal poder reflete-se numa série de instituições como as escolas, os hospitais, a polícia. Nas três obras, vemos exemplos da ação desse poder sobre os protagonistas e sua conseqüente reação.

Em *Notas do Subsolo*, o protagonista se recusa veementemente a ir ao médico, evidenciando sua não conformidade com essas regulações. Note, o Homem do Subsolo sabe que está doente e acredita na medicina, no entanto não vai ao médico. Recusava-se também a fazer parte da massa homogeneizada do funcionalismo público; não aceitava propinas – a narrativa indica que era algo habitual nesse meio – e era cruel, (ou o que ele define cruel) apenas por prazer. Ele era parte de uma instituição governamental, mas comportava-se como um jovem colegial; entretanto, nem mesmo ele ficou plenamente livre do “poder disciplinar”. Na escola, ele era brilhante: tinha excelentes notas, sendo um dos melhores alunos da instituição, tanto que conseguiu uma ótima colocação para um futuro emprego. Mas salientamos que talvez o propósito do Homem do Subsolo fosse não ser parte daquele sistema, e sim contrariar aqueles que eram mais ricos ou mais populares que ele e vencê-los pela inteligência uma vez que não podia vencê-los pela força. Quanto ao emprego – que era uma boa colocação e faria diferença na vida dele –, ele dispensou de raiva.

Luís da Silva acata passivamente o “poder disciplinar”. Na repartição, é um bom funcionário, que faz seu serviço sem reclamar, pouco falta, pouco pensa sobre isso; temos a impressão de que ele é um autômato nesse lugar que ele ocupa. Ele também tem outra profissão: a de jornalista. A imprensa sempre foi um regulador social como formadora de opiniões de maior peso no século XX e, por isso, é um dos veículos de propagação do poder. Luís, embora tenha vocação literária e discernimento político e social (ao contrário de Julião Tavares), vende seu trabalho de forma indecorosa: se alguém lhe pedisse um artigo elogiando o governo, ele escrevia, se lhe pedissem o contrário, ele também escrevia; embora detestasse Julião Tavares e tudo o que ele representava, o elogiaria num artigo se fosse pago por isso. Por fim, Luís

da Silva é fortemente guiado pela moral (na verdade, uma noção distorcida de moral, mas ele não o sabe, portanto, podemos dizer que é pela moral). É essa noção de moral que sustenta seu superego e reprime seu id.

Paulo Honório encontra-se longe dos meios mais opressores, as cidades e tudo aquilo que elas representam, tem uma relação paradoxal com o chamado “poder disciplinar”, rejeitando-o ou adotando-o quando necessário. Ao contrário dos outros dois, o primeiro contato com uma instituição não foi através da escola - ou seja, parte daquilo que regula o ser não foi imposta a ele - mas sim através da prisão, onde ele aprendeu a ler. Quando sai da prisão, o narrador tenta alterar sua vida, entendendo que só conquistaria seu objetivo se obtivesse a fazenda São Bernardo, restaurando a grandiosidade da propriedade. Nisso faz amizade com quem tem poder para garantir o que conquista, e muitas vezes não impõe seu “eu” sobre esses. Entretanto, busca apoio dos mesmos para ficar acima das leis, e não teme a polícia, sendo múltiplos os exemplos de impunidade na narrativa. Paulo Honório não liga para qual seja o governo em vigor, desde que seja benéfico para ele. A imprensa, ele compra ou ameaça. Nesse jogo, Paulo é regulado pelo chamado “poder disciplinar” e o regula, obedece-o e reage contra o mesmo.

Hall conceitua três diferentes identidades, de acordo com o mundo. Não pretendemos aqui discutir aquilo que ele chama de sujeito do Iluminismo, nem o sujeito sociológico. Apenas citamos que o sujeito do Iluminismo engloba a ideia de sujeito centrado, unificado e que esse sujeito permaneceria o mesmo ao longo de seu desenvolvimento. A noção de sujeito sociológico incorpora a complexidade do mundo que surge, mas principalmente percebe que o sujeito não é autossuficiente e necessitaria da relação com outro. O eu nasce da interação com a sociedade e “costura o sujeito à estrutura.” (HALL, 2006, p.12) e dessa forma, também tem identidade estável.

O sujeito (pós)moderno, no entanto, é um sujeito aos pedaços, fragmentado em várias identidades diferentes, sejam elas contraditórias ou não. Hall enfatiza que na modernidade encontramos “a figura do indivíduo isolado, exilado ou alienado, colocado contra o plano-de-fundo da multidão ou da metrópole anônima e impessoal.” (idem, p. 32), o que parece fechar tanto

com Luís da Silva quanto com o Homem do Subsolo. Entretanto, o que diferencia ambos é que o Homem do Subsolo não consegue sujeitar-se a isso, isolando-se em sua raiva contra si e contra o mundo, e Luís da Silva aceita o anonimato e a massificação, curvando-se ao sistema (tanto que chega a caminhar de cabeça baixa).

Aqui, paramos para uma diferenciação importante. Não devemos confundir as noções de consciência e de identidade. Identidade é o “eu” e todas as contradições que ele envolve e compreende o id, o ego e o superego. A consciência é a manifestação do “eu” no mundo e sua relação contra os outros “eu” sujeitos. A estrutura a qual o sujeito se costurava não é mais a mesma, devido às mudanças dos regimes sociais, políticos e econômicos, assim como também se alteraram as necessidades do outro, da cultura e as minhas próprias.

*“Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (...) O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas em torno de um eu coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.” (HALL, 2006, p.12-13)*

Se as identidades são cambiantes, um homem pode alterar sua identidade de homem de ação para homem do subsolo, por exemplo. A identidade altera-se por exigências do meio em que nos encontramos, pelas “exigências” do outro ou pelas necessidades do “eu”. Teoricamente, pode-se dizer que essa fragmentação do sujeito reflete o caos do mundo moderno: se nada é certo, nada é duradouro, eu também não posso ser. Ainda segundo Hall (idem, p.21), as identidades alteram-se dependendo da forma como são interpelados os homens, como ocorre com o Homem do Subsolo, por exemplo: quando estava com os colegas de escola, não era bem vindo e insistiu em ficar, ainda que humilhado; já no caso da prostituta Liza, ele viveu uma confusão entre a arrogância e a humilhação, mesmo ela tendo escolhido ficar perto dele.

O Homem do Subsolo não altera a sua identidade como homem do subsolo; no entanto, ao longo da narrativa, percebemos que o mesmo não era tão cínico quanto o é hoje. Na juventude que ele nos relata, há vestígios de uma existência contrária aos “ideais” do subsolo, como por exemplo, a necessidade de “abraçar toda a humanidade”. Se o subsolo tem em suas bases a solidão e o individualismo como marca, o “abraçar toda a humanidade” é uma tentativa do “eu” de ter outra identidade por alguns momentos; logo, pode-se dizer que o Homem do Subsolo desloca sua identidade como acontece com o sujeito pós-moderno.

Possivelmente, Luís da Silva é o protagonista com a identidade mais difícil de ser analisada. Para começar, praticamente todas as identidades que ele assume ao longo da narrativa são muito fluidas, dissolvendo-se com uma facilidade espantosa. Sabemos que a identidade pós-moderna não pode ser inteira, mas a questão em Luís é que o seu “eu” nunca foi inteiro, o que provavelmente influencie na sua falta de identidade. A fragmentação do personagem é uma das poucas constantes da obra e é isso que destrói Luís da Silva. Enquanto o Homem do Subsolo e Paulo Honório sabem modificar suas identidades e conviver com isso – por exemplo, nem a ideia de “abraçar toda a humanidade” é repulsiva para o primeiro, tanto que é um desejo que ele revela com tranquilidade; nem a necessidade de adaptar-se aos desejos de políticos para obter o quer é intranquila para segundo, pois ele o faz seguidamente - em *Angústia* essa convivência não acontece de forma tranquila. Cada modificação é um trauma, uma desintegração do “eu” que o reduz a um bicho, um rato, até o momento que seu superego é incapaz de suportar as constantes repressões que sofre, dando lugar ao id. Quando o id assume o controle, o assassinato de Julião Tavares é inevitável. E dessa forma, a identidade que Luís assume é a de homem de ação, identidade esta que é tão fluida como as outras, e que provavelmente será desfeita para tornar-se angústia novamente. Outra dificuldade para analisar a(s) identidade(s) do angustiado personagem é em relação à sua inserção sócio-histórica, uma vez que “O passado, refúgio e suplício a um tempo, é a primeira força motriz no espírito de Luís da Silva” (MOISÉS, 1978, p.223). Historicamente, ele vive numa sociedade moderna, que, para Hall (2006, p.15), envolve experiência com a rápida mudança nos parâmetros que regem a sociedade e também “é uma forma altamente reflexiva

de vida” (ibidem); entretanto, psicologicamente, Luís parece viver numa sociedade tradicional:

*nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos valorizados porque contêm e perpetuam experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular da continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes. (GIDDENS, 1990, PP. 37-8 apud HALL)*

Nosso protagonista tem sérias dificuldades em lidar com as mudanças. Não se pode negar que ele seja um sobrevivente e que tenha superado a fome, a mendicância, o abandono no qual se encontrava após a morte do pai; sim, Luís aprendeu a lidar com suas tragédias pessoais. Todavia, no presente da narrativa, ele não consegue adaptar-se. A cidade oprime-o, emudece-o. Ao longo da narrativa, há várias referências não só aos acontecimentos do passado, mas às tradições do passado: Sinhá Germana que “pertencia” ao avô, as traições que eram resolvidas com violência e mesmo o fantasma do poder que a família um dia teve (o avô, Trajano de Aquino Pereira Cavalcante e Silva, que foi reduzido ao pai, Camilo Pereira da Silva, que foi reduzido ao comum Luís da Silva); em todas essas reminiscências ao passado, sempre aparece o desejo que tudo fosse como antes: ele queria que Marina fosse sua posse para não ser traído por ela; numa conversa com o pai da moça, fica claro que ambos acreditam em “lavar a honra com sangue”, coisa que Luís de fato faz. Essa necessidade de manter as tradições, o inseriria numa sociedade tradicional – dando-lhe uma identidade Iluminista ou sociológica -, mas como ele se encontra numa sociedade moderna, podemos dizer que sua identidade é, em vários pontos da narrativa, “pré-moderna”. Portanto, entre as posições de sujeito que Luís assume, no decorrer da obra, podemos citar: angústia, “homem pré-moderno”, homem de ação e algo como um “sub-homem”. Embora este termo não seja agradável, utilizamos aqui apenas para caracterizar os momentos nos quais Luís se sente menos que um homem.

Paulo Honório também apresenta uma gama de identidades que se modificam diversas vezes ao longo de seu relato. No entanto, ao contrário do protagonista de *Angústia*, as personalidades de Paulo são fortes, mesmo que

não sejam plenamente unificadas – afinal, a modernidade não permite que sejam. Embora a narrativa comece pelo fim, com Paulo Honório contando como o livro seria escrito, é mais interessante observar como as identidades dele se desenvolvem desde a infância. Ele pouco sabe da própria infância ou dos seus pais, evidenciando a falta de raízes do personagem – o que talvez se reflita na sua falta de relação com o solo. Sabemos que Paulo Honório teve uma infância difícil e que ele fazia o que podia para ganhar alguns trocados e sobreviver. Mais tarde, engraça-se por uma jovem que o troca por outro. Este acontecimento faz com que Paulo mostre seu lado possessivo, batendo na moça e esfaqueando seu antagonista. Acaba preso e, na prisão, aprende a ler. Sai da cadeia para trabalhar com o que viesse pela frente, sempre aprendendo o que lhe era possível. Com a morte do dono da fazenda São Bernardo, percebe a oportunidade de ouro para ter em mãos a propriedade e não economiza as artimanhas para obtê-la. Obtendo-a, não se sente satisfeito. Procura recuperar as fronteiras originais da fazenda. Procura obter sempre mais. Regido pela posse, Paulo Honório não sossega enquanto não subjugar tudo e todos à sua volta. Esperto, mantém as amizades que lhe seriam lucrativas. Então surge Madalena e seu fantasma, e tudo vira de cabeça para baixo. Tudo que Paulo foi até o suicídio da esposa deixa de ser importante para tornar-se o homem amargurado que encontramos no início e no final da narrativa. O passado dele não importa mais, pelo menos não importa da mesma forma que importa para Luís da Silva. O resgate do passado surge apenas como tentativa de compreender o presente. Esse homem é amargo e solitário, consciente da culpa que possui em causar sua desgraça, um verdadeiro homem do subsolo. No entanto, Paulo também guarda dentro de si, homem do “sobressolo”, sobrevivente, capitalista.

Importante salientar o fato de que o Homem do Subsolo não parece dar importância às suas origens genealógicas, nesta perspectiva, falta de raízes - o que também se reflete na sua ausência de relação com o solo -, e o fato de que Luís da Silva conhece bem a própria genealogia e não consegue livrar-se psicologicamente do solo, ainda que seja um solo deturpado como se abordou anteriormente. Paulo Honório, por sua vez, não tem pais e sua relação com o solo é deturpada, pois ele não tem os valores que deveriam estar associados a este, apresentando apenas valores dos “sobressolo”.

Finalizando, por hora, a questão da identidade, é irônico perceber que o personagem com a identidade mais frágil – a tal ponto que se pode dizer que Luís não tem uma identidade certas vezes – é o único que apresenta um “eu” identificável. Explica-se: o Homem do Subsolo foi assim denominado pela ausência de outra possível referência. A única forma de identificações estáveis que possuímos é a sua (ex) profissão e posses, sua idade e a cidade onde ele mora, além de sua história de vida, claro. O Homem do Subsolo é um sujeito anônimo que fala sobre si mesmo, o que abre a possibilidade para que qualquer outro homem (como Paulo Honório, por exemplo) assumira sua narrativa. Aliás, quando ele é indagado sobre quem é, ele responde com sua profissão, o que pode ser compreendido como uma extensão da identidade, jamais uma identidade. É claro que poderíamos usar a profissão como identidade numa sociedade que coisifica o ser humano como acontece no “sobressolo”, mas, como foi mencionado anteriormente, ele não é mais um inspetor colegial. Ou ele mentiu. Mentiu de raiva. Mas e Paulo Honório? Ele se apresenta logo no início da obra: “Começo declarando que me chamo Paulo Honório, peso oitenta e nove quilos e completei cinqüenta (sic) anos pelo São Pedro.” (RAMOS, 1989, p.12). Podemos dizer que esta é uma identificação bastante completa, mas antes de fazer essas afirmações, o narrador escreve “Há fatos que eu não revelaria, cara a cara, a ninguém. Vou narrá-los porque a obra será publicada com pseudônimo.” (ibidem, p.10). Dessa forma, é possível que “Paulo Honório” seja apenas um nome inventado pelo protagonista para se proteger, ou seja, não sabemos o nome verdadeiro dele, o que também abre a possibilidade de estarmos ouvindo qualquer homem. As únicas certezas que temos sobre ele são sua idade, sua profissão, onde mora e seu triste relato. Outra possibilidade de identificação para o personagem é através da fazenda, São Bernardo, que é uma extensão de si, mas como fazer essa identificação uma vez que, no final da narrativa, a fazenda perde sua importância? Já Luís da Silva tem um nome. Um nome que em nenhum momento nos aparece como falso. É um nome comum - especialmente quando se tem um passado de peso como Trajano Pereira de Aquino Cavalcanti e Silva -, mas é um nome, um nome real. Poderia ser qualquer Luís da Silva, mas ainda seria um Luís da Silva, não um pseudônimo ou um anônimo.

## 5. Entre o subsolo e a angústia

Como foi dito anteriormente, o que liga Graciliano Ramos a Dostoiévski é o fato de ambos explicarem o homem em sua solidão absoluta e suas contradições internas (e eternas), “traços de infelicidade, tristeza e solidão, os vestígios ou as sombras dos sonhos sufocados e estrangulados” (LINS, 1972, p.20). O caráter humano, ou melhor, a falta de caráter, encontra eco nos protagonistas dos autores, na forma ou da amargura cínica, o caso de Dostoiévski, ou da crueldade áspera de Graciliano Ramos. Nenhuma ação é inocente, e nenhuma relação pode sobreviver ao niilismo dos escritores; não há alegria ou amor, só a miséria de almas endurecidas e destroçadas:

*Não encontram sentido para a vida, não se associam nem se solidarizam em movimentos de ascensão; carregam, com ausência de fé, um tamanho poder de negação que só encontra correspondência numa espécie de niilismo moral, num desejo secreto de aniquilamento e destruição. O ambiente que os envolve tem qualquer coisa de deserto ou de casa fechada e fria. (ibidem, p.16)*

As palavras de Álvaro Lins foram usadas para definir a galeria de personagens criados por Graciliano Ramos, mas nada nos impede de reconhecer os protagonistas de Dostoiévski. Há um mal-estar generalizado ao ler a obra de ambos que nos remete aos nossos medos mais primitivos: o medo de perceber o que há de cruel e inumano no nosso inconsciente.

Se o texto representa uma materialidade cultural como afirma Ribeiro (2007, p.19), podemos dizer que *Notas do Subsolo* inaugura a cultura do subsolo e, mais importante, inaugura o arquétipo do anti-herói que serviu de base para esse estudo: o homem do subsolo. O Homem do Subsolo, personagem e representação, surge, nesse contexto, como representação do caos efervescente na mentalidade desses homens sufocados (e sufocantes). Socialmente limitado, optou por uma vida isolada, na qual pode destilar seu ódio por si e pelos outros em paz. A narrativa memorialística resgata o aniquilamento de si que o personagem se auto-impôs e numa crueza cínica, amarga e iracunda, o homem se auto-analisa, pintando um retrato desolador do

homem moderno. Ou melhor, um retrato do homem moderno que tem consciência plena de quem (ou o que) é. Masoquista ao extremo, esse homem tem um prazer mesquinho em se odiar e se humilhar e ainda mais prazer em relatar ao outro as humilhações a que se submeteu.

O homem do subsolo é um homem perturbado, hostil, colérico e cínico; durante toda narrativa, ele reconhece suas falhas como homem do século XIX – capitalista que trabalha para obter posses -, mas também suas falhas como ser humano. Dono de uma inteligência privilegiada, foi incapaz de corresponder às expectativas que tinha sobre si mesmo: “Em uma definição muito breve, seriam as pessoas cujo talento e inteligência não tinham aplicação naquela sociedade e, por falta de uma realização pessoal, tornavam-se amargas e destrutivas.” (SOARES, 2009, p.11). O Homem do Subsolo é brilhante (ele afirma diversas vezes o quão superior ao homem comum ele é), mas não foi capaz nem mesmo de se tornar um inseto quanto mais produzir algo que tenha utilidade ou valor na sociedade em que se encontra. Produto do cientificismo do século XIX, percebe que toda essa revolução racionalista não serve de nada, uma vez que os homens de ação são merecedores de méritos e atenção dos outros: de que vale todo o seu conhecimento e inteligência superiores se é Zverkov - que “foi sempre um mau estudante e, quanto mais velho, pior.” (p 74), mas de quem todos gostavam por ser bonitinho e engraçado – que é coberto de importância? O Homem do Subsolo não é, nem será, um alienado ou um conformista. Dono de uma capacidade crítica fora do comum, ele percebe que aquela sociedade em que vive não é compatível com ele, mesmo sabendo que ele é tão ruim quanto aquela sociedade que despreza. Sua consciência, desenvolvida ao extremo, não permite que viva em paz: ele sabe que não é nada e se odeia por isso, mas sente um estranho prazer em constatar isso. Fatalista, ele sabe que, se tivesse outra oportunidade, cometeria os mesmos erros. Paradoxal, tem um amor próprio exagerado que contrabalança com o desprezo por si mesmo, pois, mesmo sabendo que a ordem social em que se insere prescreve sua falha, ele se culpa por não ter conseguido prosperar. Para o homem do subsolo, o conhecimento não liberta, mas aprisiona os homens, uma vez que permite que a) pensemos antes de agir e, por pensarmos, acabemos não agindo e que b) percebamos a inutilidade de

tudo a nossa volta, inclusive de nós mesmos. Os únicos companheiros desse homem são fantasmas: a solidão, a consciência, o auto-escárnio. Na verdade, foi Graciliano Ramos quem cunhou um termo perfeito para definir os homens do subsolo: “vidas secas”<sup>3</sup>; vidas sem amor, vidas da qual nada pode surgir, pois o egoísmo não permite, são vidas marcadas pelo sofrimento e pela autopunição.

### 5.1 – Para sempre angústia

Luís da Silva desponta como o mais dramático dos protagonistas aqui analisados: ele é tão amargo e fragmentado quanto o Homem do Subsolo ou Paulo Honório, entretanto, o que o diferencia é sua absoluta mediocridade:

*Em Angústia, Luís da Silva representa uma figura de fracassado; não existe uma ambição frenética para determiná-lo, como a de Paulo Honório. O seu egoísmo não é o do conquistador, mas o do vencido. (...) Luís da Silva não tem a ambição não tem a vontade, não tem nenhum sentimento forte. (...) Luís da Silva é a vida instintiva que se dissolve. (LINS, 1972, p.14)*

Luís é um perdedor e como perdedor jamais conquistou algo. Sua dramaticidade surge não apenas de sua mediocridade, mas também do fato de que ele inicia sua história com nada e termina sua história com nada. Afirmamos anteriormente que o Homem do Subsolo não conquistou nada, mas os casos são diferentes: enquanto o protagonista de *Notas do Subsolo* não conseguiu se tornar nem mesmo um inseto, ele tem a seu favor a consciência de sua falibilidade e ele aprende algo com seus erros – mesmo que ele saiba que essa lição não lhe servirá de nada devido a sua personalidade -, Luís não tem essa percepção, a vida dele é de incertezas: não tem consciência de si suficiente para perceber o que se passa a sua volta, uma vez que sobre ele agem alternadamente o superego, o id e o superego novamente (expliquemos: superego domina Luís da Silva até o momento do assassinato, quando id assume o controle do personagem, e depois volta a ser o principal guia de Luís da Silva), sem que o ego jamais se imponha sobre eles, e ele continua a sua

---

<sup>3</sup> Aqui, “vidas secas” não é uma referência ao romance de Graciliano Ramos, mas sim à ideia de vidas inférteis, vidas de onde nada pode surgir.

vida sem ter assimilado nenhum valor ou aprendizado, se auto-dominando de forma perturbadora.

Embora predominantemente construído na forma de monólogo interior e centrado no narrador, é irônico perceber que a voz de Luís não chega a se diferenciar muito das outras, uma vez que vozes alheias, como a de Julião Tavares, são mais reconhecíveis que a dele. Percebemos que a personalidade fluida do narrador carrega muitas outras vozes junto a sua; assim sua voz não é do “eu”, mas é a voz de muitos (seu Ivo, Moisés), pois “o inconsciente coletivo se apodera do narrador Luís da Silva.” (PÓLVORA, 1978, p.128). Luís não é muito mais que o eco solitário dos retirantes nordestinos que tentaram a sorte na cidade grande e falharam. O único elemento que o separa dos seus é seu “eu” individualizado, mas este é desestabilizado devido ao turbilhão caótico da mente de Luís. Lá se misturam presente e passado e é nesse delírio vertiginoso, que o “eu” individualizado do narrador se perde. Os únicos vestígios reais de consciência nele são aqueles que dizem respeito a sua solidão.

Bizello (2001) define a solidão como negação da busca do outro e utiliza-se da seguinte definição de Octavio Paz:

*A solidão, o sentir-se e saber-se só, desprendido do mundo e alheio a si mesmo separado de si, não é característica exclusiva do mexicano. (...) todos os homens estão sós. (...) A solidão é o poço mais profundo da condição humana. O homem é o único ser que sente só e o único que busca o outro. Sua natureza (...) consiste em um aspirar a realizar-se em outro. (PAZ apud BIZZELO, 2001, p.212)*

A solidão de Luís é tão profunda que o isola de si mesmo. Luís percebe o reflexo de si nos outros – como foi dito anteriormente -, mas não procura “o outro” efetivamente; quase todo contato que Luís tem com o outro é, de certa forma, forçado: o chefe, a quem ele precisa responder; seu Ivo, que sempre precisa de um prato de comida; Julião Tavares, que força sua companhia; Pimentel e Moisés, seus contatos mais amistosos, mas, ainda sim, o contato se dá por causa do jornal. Raramente percebemos em Luís a iniciativa de procurar alguém, muito pelo contrário, é mais natural que ele evite a companhia alheia.

Nisso tudo, ele se parece muito com o Homem do Subsolo, que opta pelo auto-exílio. O único momento em que Luís busca livrar-se da solidão – dado que, se a solidão é a negação da busca pelo outro, a busca do outro serve como tentativa de romper a solidão – é quando conhece Marina. Acha-a frívola, vazia e despreza-a intelectualmente, mas ainda assim quer se casar com ela. Dificilmente, o casamento significaria o fim do mal que o afligia – uma vez que, devido à mentalidade de ambos, o casal ficaria afastado -, mas o protagonista vislumbra uma nesga de esperança e felicidade, que lhe é roubada por Julião Tavares.

Marina era a tentativa de Luís da Silva de tornar-se menos angustiado, o que não dá certo por conta de Marina ser exatamente como Luís a via (frívola e vazia), mas também porque Luís não se julgava digno dela ou de livrar-se da solidão. Percebendo a aproximação de Julião Tavares e o fascínio da jovem pelo antagonista, Luís se afasta, permitindo que a moça se deixe seduzir. Não sejamos ingênuos, é provável que a moça preferisse o rico e comunicativo Julião Tavares ao pobre-diabo que quase não se comunicava; mas o fato de ele não lutar evidencia um isolamento de si tão crônico que nem mesmo o desejo que ele sentia por Marina seria capaz de rompê-lo. Ele desejava a jovem, mas não o suficiente para se entregar, para sair de si e realmente procurar o outro. Ademais, a ausência de luta evidencia que Luís percebeu que seria impossível permanecer noivo da jovem, uma vez que ele se sentia inferior ao homem que desprezava. Cabe enfatizar que, embora a solidão tenha seu papel no assassinato de Julião Tavares, a força motriz do crime foi o sentimento de inferioridade que a perda de Marina e a presença do inimigo trouxeram à superfície.

Todavia, não é somente o desejo de deixar de ser solitário que move Luís da Silva em direção à Marina. O que o guia é, antes de qualquer outra coisa, o desejo carnal que a moça lhe inspira, pois ela é o oposto da mulher que ele escolheria como esposa; enquanto a moça que ele imaginava para casar devesse ser amante da ordem e sensata, a jovem amiga é frívola e estabanada. Acreditamos que tal se deve à noção torta que ele tem do amor (“o amor pra mim sempre fora uma coisa dolorosa, complexa e incompleta.”

(RAMOS, s/d, p 84) e a seu inconsciente reprimido - o qual procura mitigar a solidão com alguém que ele só poderia se satisfazer carnalmente, mas jamais intelectualmente -, uma vez que ele sabe perfeitamente que entre os dois jamais daria certo, pois nem Marina representa o que ele apreciava, nem ele se encaixava nos sonhos dela.

Ademais, a própria concepção de desejo é deturpada e violenta. Um exemplo disso ocorre quando a “franguinha” é dividida pelo próprio Luís em “pernas e rabo” para um lado, “tronco e rosto” para o outro. “Rabo” surge como uma palavra pesada para definir uma parte do corpo, uma vez que corresponde à anatomia animal e não à humana. Entretanto, é justamente esse o ponto interessante no personagem: a sexualidade está sempre ligada aos animais, mesmo que inconscientemente. Foi com eles que o protagonista percebeu o ato; é sempre a eles que Luís retorna quando o instinto sexual ressurge:

*Veio-me o pensamento maluco de que tinham dividido Marina... A parte inferior mexia-se como um rabo de lagartixa cortado... Estava linda. Tinha corrido por ali por alguns minutos como um rato, chiando. Eu era um gato ordinário. (RAMOS, s/d, p. 50)*

*Marina apareceu, enroscando-se como uma cobra de cipó e tão bem vestida como se fosse para uma festa. Ao pegar-me a mão, ficou agarrada, os dedos contraídos, o braço estirado, mostrando-se na faixa de luz que entrava pela janela. Isto me dava a impressão que o meu braço havia crescido enormemente. Na extremidade dele um formigueiro em rebuliço tinha tomado subitamente a conformação de um corpo de mulher. (RAMOS, s/d, p. 58)*

Assim temos a ideia de algo menor, baixo, instintivo, especialmente porque normalmente o desejo está vinculado a animais simbolicamente negativos como o rato que lhe roía as entranhas – manifestação do desejo –, ou as cobras que povoavam o quintal de sua infância e que ele matava a pedradas, as quais ele seguidamente lembra – elas seriam, segundo Cândido (1956), um símbolo fálico que representam seu recalque e eterna tentativa de se reprimir, já que ele não descansava enquanto não matasse as cobras; aliás, Luís utilizava seixos miúdos, para prolongar o sofrimento delas. Dessa forma, percebemos que o sexo está vinculado, de alguma forma, à violência, uma vez

que, como foi dito anteriormente, o personagem divide a “amada” ao meio, sendo que ele se livraria das “pernas e do rabo”, que são justamente as partes ao qual a sexualidade está ligada. Em seu trabalho de conclusão de curso, Larissa Scherer, cita: “No discurso de Luís da Silva, destaca-se a associação de palavra (*ratos*) à sexualidade, um dos seus problemas mais complexos, com o qual tem dificuldade de lidar.” (MELLO apud SCHERER, 2004, p15). De maneira mais objetiva, concluímos que ele busca Marina justamente porque, inconscientemente, ele sabe que não vai dar certo. Ele não procura acabar com sua solidão apenas ou saciar seu desejo: ele busca autopunição. Parece-nos que esse momento corresponde ao encontro do Homem do Subsolo com seus ex-colegas de escola, um momento que ele viveu apenas para se humilhar.

Além da solidão paralisante e do desejo não concretizável, o protagonista é perseguido pelo passado, ou melhor, é ele quem persegue o próprio passado.

*A constante evocação de um passado decadente envolve o personagem em motivações psico-sociais, que se reúnem num complexo gerador e determinante de suas opções como ser. A liberdade inexistente, tudo acha-se previamente decidido e Luís da Silva, abúlico e passivo, deixa-se envolver por todas as situações, arrastando-se por caminhos sem saída. (BRAYNER, 1978, p.211)*

Essa recuperação passadista revela a necessidade de fugir de um presente, ao qual ele é incapaz de se adaptar e surge também como tentativa de buscar alguma alegria ou segurança na infância, o que não encontra, já que esse período também foi marcado pela dor – a decadência familiar, o pai bruto, o avô coronel decadente e anacrônico – e pela solidão, pois Luís foi criado isolado dos outros meninos. Mesmo não havendo felicidade no passado, é ele nele que o personagem tenta se segurar quando o presente desaba. Entretanto, não é o seu passado que o protagonista busca, mas o de seu avô Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva, que representa poder e glória aos olhos dele. Luís, reduzido a “da Silva” apenas, alcançou o avô quando o mesmo era um representante da decadência da aristocracia rural, mas mesmo assim é uma espécie de modelo, dado que o avô representava tudo que Luís

não tinha, mas queria: uma esposa devotada e submissa, que não possui desejos ou prazeres próprios; amantes, que lhe davam prazer; um nome de peso, que mesmo sem o brilho de outrora era respeitado por todos; uma resolução de aço, que punha em prática tudo o que desejava: um homem governado pelo id, que não andava com a cabeça baixa, evitando os outros, mas sim enfrentando a todos sem medo de ser feliz: “Como sou diferente do meu avô!” (RAMOS, s/d, p.22), conclui com amargura. As histórias do glorioso passado do avô são narradas com orgulho e satisfação, uma vez que ele percebe no passado familiar uma possibilidade de realização que não existe mais. Entendemos nisso uma negação da vida que se desenrola a sua frente; ele não quer ter de enfrentar os problemas que possui diante de si e também precisa justificar suas falhas: se ele pudesse, faria com Marina e com Julião Tavares o mesmo que se fazia no tempo do seu avô ou de seu Ramalho. É com excitação que narra ou escuta os crimes de honra e frequentemente se imagina cometendo os mesmos crimes. É através do passado que ele procura justificar o que se tornou.

Outra figura emblemática da infância é a figura de José Baía, um assassino cruel. É com admiração que Luís pensa nele; há até uma pontada de inveja. A violência não o choca, uma vez que cresceu acostumado a ela. O avô também é símbolo de criminalidade, pois suas ordens deviam ser obedecidas ou o desobediente sofreria as consequências. Embora ele seja o representante da racionalidade, fortemente influenciada pelo superego, de uma família marcada pelo instinto do id, seu inconsciente fatalmente internalizou essa relação entre poder e crueldade ou imposição que uma hora ou outra afloraria, pois, segundo Freud, um superego excessivamente poderoso acaba enlouquecendo seu portador (CHAUÍ: 2000). No caso de Luís, os excessos do superego acionam o id; uma vez livre, o id procurará satisfazer-se assassinando aquele que Luís entende como causador de sua desgraça: Julião Tavares.

Parece-nos que a figura do gordo Julião Tavares aparece com um único objetivo: mostrar a Luís da Silva que ele é ainda menos que ele pensava. Considerando-se um “valor miúdo”, ele percorre a vida com uma auto-imagem

predominantemente negativa, mas com pequenos pontos de luz, que geralmente estão relacionados à sua intelectualidade. Feio, pobre, tímido, o pobre-diabo carrega um complexo de inferioridade profundo. Luís vê-se como um bicho e constantemente submete suas vontades aos caprichos alheios:

*Penso em indivíduos e em objetos que não têm relação com os desenhos: processos, orçamentos, o diretor, o secretário, políticos, sujeitos remediados que me desprezam porque sou um pobre-diabo.*

*Tipos bestas. Ficam dias inteiros fuxicando nos cafés e preguiçando, indecentes. Quando avisto essa cambada, encolho-me, colo-me às paredes como um rato assustado. Como um rato, exatamente. Fujo dos negociantes que soltam gargalhadas enormes, discutem política e putaria. (RAMOS, s/d, p. 6)*

O fragmento acima mostra perfeitamente a relação que o protagonista tem com o mundo exterior; embora despreze os homens que o percebem tão inferiormente e pareça perceber certa superioridade própria – uma vez que ele não passa os dias inteiros no café, discutindo “putarias”-, prefere encolher-se diante deles, pois também acredita ser um pobre-diabo. Complexado e infeliz, o medíocre funcionário público foge da vida e das pessoas como um rato e não procura mudar nada na sua rotina, que consiste em trabalhar, ler romances que ele desgosta – o que mais uma vez surge como negação de prazer, uma vez que a leitura também é vista como uma fonte de satisfação emocional – e negar-se qualquer forma de satisfação. Marina surge como uma possibilidade simbólica de deleite, ao qual ele tenta se prender, mesmo percebendo a incompatibilidade entre ambos. Ela é o primeiro rompimento na rotina de Luís.

No entanto, a chance de “felicidade” (as aspas nascem do fato de sabermos que os dois não poderiam existir como casal, como foi descrito acima) é afastada dele com a segunda quebra na rotina. O personagem central é avesso ao contato com outros e o aparecimento de Julião Tavares, e consequente imposição de sua presença na vida de Luís, força o rapaz a modificar sua auto-análise. Parece-nos que adversário do protagonista é uma espécie de consciência externa – dado que o último não carrega uma consciência interna bem definida – que evidencia tudo o que ele não é:

*Por que seria que o peitinho de Julião Tavares brilhava tanto e não se amarrotava? Julião Tavares ficava duro como um osso fraturado envolvido em gesso, tinha o espinhaço aprumado em demasia, olhava para frente, com segurança, a vinte passos. O peito absolutamente chato.*

*A minha camisa estufa no peito que é um desastre. Quando caminho, a cabeça baixa, como a procurar dinheiro perdido no chão, há sempre muito pano subindo-me na minha barriga, machucando-se, e é necessário puxá-lo, ajeitá-lo, sujeitá-lo com o cinto, que se afrouxa. Estes movimentos contínuos dão-me a aparência de um boneco desengonçado (...). Também não é possível manter a espinha direita. (...). Sou um bípede, é preciso ter a dignidade de um bípede. Um cachorro como Julião Tavares andar empertigado, e eu curvar-me para a terra, como bicho! (RAMOS, s/d, p.98)*

Essa passagem ilustra bem as diferenças entre os dois personagens: Luís não parece humano – pelo menos, a seus olhos – e sim um boneco (com toda a simbologia de boneco envolvida: molenga, facilmente manipulável, que pode ser jogado fora num canto qualquer), incapaz de manter o espinhaço reto ou comportar-se como um bípede, enquanto o seu inimigo é a imagem do homem ideal, possuindo porte e confiança. Luís é negativo, tímido, frustrado, infeliz, frágil, com uma personalidade quase difusa; Julião é positivo, falador, hedonista, dono de uma personalidade tão forte que abafa todas as outras e não foge da vida; Julião Tavares parece amar a “vida viva” com uma intensidade que chama a atenção de todos e mais, ele é rico. Não é uma luta justa, uma vez que o protagonista desiste antes mesmo de começar. Ainda que despreze o antagonista, Luís não consegue ficar longe de sua personalidade magnética. Todavia, nem todos os combates são vencidos pelo gordo comerciante de secos e molhados, como o adversário é descrito. Intelectualmente, o protagonista é muito superior e consegue ver o vazio dos discursos patrióticos do outro, e percebe a frivolidade do mesmo na fala; mas, mesmo assim, Luís cala. Embora seja mais inteligente, mesmo que menos estudado, o ex-retirante, não consegue manifestar sua opinião quando está frente a frente com Julião Tavares; o que o diferencia do Homem do Subsolo, pois este usou sua inteligência superior para combater seus antagonistas – não que tenha funcionado, uma vez que a inteligência dele não fazia mais diferença

naquele mundo, mas mesmo assim, ele combateu seus inimigos com as armas de que dispunha; coisa que o angustiado nunca fez. Numa mistura de fascínio e repulsa, o rapaz vai, pouco a pouco, sentir-se ainda menor do que era e a certeza de que “material inferior” ocorre com a traição de Marina. E é essa traição que servirá de motriz “consciente” da vingança de Luís.

Cândido comenta que “vemos em Luís da Silva uma fúria evidente contra a sua vida e sua pessoa, pelas quais não tem a menor estima.” (CÂNDIDO, 1956, p. 39). Entretanto, essa fúria se encontra presa na mente dele, envenenando lentamente o resto de racionalidade que ainda existe nele. O processo de enlouquecimento acontece aos poucos – uma vez que o superego dele o impede de encontrar satisfação, mesmo que parcialmente, e que essa constante negação de si, levaria o indivíduo à loucura, segundo Freud – e chega ao clímax com o abandono da noiva. Entretanto, não é a perda de Marina que causa o ódio, mas sim, a superioridade de Julião Tavares, que é mais homem que ele, dado que vive a vida com intensidade e prazer.

Criado em uma família com histórico de violência, o jovem é indiferente à mesma. Na história da família “da Silva”, o crime serviu como vingança ou afirmação de poder; entretanto, para o velho Trajano, a violência era uma alternativa, uma vez que ele vivia num período em que a esta era aceita e também porque ele optava “conscientemente” por ela – por conscientemente queremos dizer que embora fosse o id que controlasse o patriarca da família (e sabemos que o id é inconsciente), ele não tentava estrangular seus desejos mais profundos e, portanto, aceitava o seu lado pior -, o que não acontece com Luís da Silva. São várias as referências, no decorrer da narrativa, de que algo trágico acontecerá e, embora ele tenha uma noção superficial do que acontece no seu interior, não faz nada para evitar o mal.

A primeira percepção de fatalidade que temos acontece quando seu Ivo presenteia o personagem com um pedaço de corda e ele reage com ódio e confusão; uma parte do cérebro dele já sabia o que iria acontecer. Depois, ele é assombrado por diversas imagens que aludem à violência física, que culminam no encontro casual com seu antagonista na saída da cidade, embora este não tenha percebido aquele. Esse é o ponto máximo de falta de domínio

de si em Luís: a corda estava no bolso, mas ele não se lembrava de tê-la colocado lá. Acreditamos que ele a conservou no bolso esperando encontrar Julião Tavares em algum momento e então assassiná-lo. A descrição do crime é perturbadora e sufocante, uma vez que o motivo de ruptura nada mais é que o fato do inimigo possuir um cigarro, quando ele que desejava fumar e não o tinha. O protagonista não suporta o que ele considera ser uma tentativa de inferiorizá-lo ainda mais. Por que o hedonista e desprezível inimigo possuía tudo (mulheres, importância, espinhaço reto, cigarros), e ele nada tinha de seu? A vingança de Luís da Silva não era pela traição de Marina, como ele tentava se convencer, mas porque ele queria ser Julião Tavares, porque o outro era alguém e ele não.

Arteaga enfatiza que Luís mata “apenas para ser” (2005, p. 63), ou seja, cremos que ele mata porque acreditava que, fazendo Julião Tavares desaparecer, haveria uma chance para ele no mundo, não como um rato, mas como um homem. Todavia, ao eliminar o inimigo, ele elimina a si mesmo, pois seu ego frágil não suporta a ruptura do superego causada pelo id. Ademais, Luís não mata apenas para ser, mas também como uma espécie de vingança contra o passado, uma vez que matar o inimigo é, de uma forma, seguir as “tradições da família” – e note, significa ser ainda mais que o avô, pois este mandava outros agirem em seu lugar enquanto Luís agiu pelas próprias mãos -, e talvez signifique matar simbolicamente todas as figuras de autoridade que o assombravam, fazendo-o perceber sua insignificância – o pai, o diretor, todos aqueles homens nos cafés que o faziam colar-se à parede. Ele nada percebe, somente entende que precisa fazer isso. Essa motivação, que lhe é ininteligível, que o diferencia do Homem do Subsolo e de Paulo Honório, uma vez que estes sabem por que agem e não se destroem por causa disso. Além disso, a motivação do personagem principal de *Angústia* é a vingança e homens do subsolo jamais se vingam, já que racionalizam demais o ato, apenas homens de ação.

Arteaga (2005) defende que o protagonista não tem salvação porque não conhece o amor – e já escrevemos que o amor para Luís está relacionado ao desejo e à incompletude. Concordamos com ela, somente acrescentamos

que Luís não tem salvação apenas pela falta de amor, mas porque é incapaz de compreender o que fez, pois perde a noção da diferença entre real e imaginário, e também porque ele não possui uma identidade identificável, apenas uma identidade fluida e negativa. Se o Homem do Subsolo encontra abrigo no seu cinismo e Paulo Honório na tentativa de entender-se, a ele só resta sua angústia. Dessa forma, ele não pode ser homem do subsolo, uma vez que não tem consciência de si ou do outro suficientes para isso (especialmente no final da narrativa, quando não tem nem mesmo consciência de realidade), nem homem de ação, dado que seu superego o impede disso. Por isso tudo, podemos dizer que o único lugar possível para ele é aquele que denominamos como angústia, em homenagem ao próprio Luís da Silva. Parece-nos que ele está lá sozinho, pois não identificamos outros personagens que se inserem nessa perspectiva.

## **5.2 – Memórias de São Bernardo**

Nas primeiras páginas desse ensaio, afirmamos que *São Bernardo* era o romance mais categórico sobre solidão. Entretanto, afirmamos anteriormente que Luís da Silva era o personagem mais solitário de todos, já que, mesmo na literatura, ele se encontra sozinho. Estariam as informações se contradizendo? Acreditamos que não, pois são diferentes tipos de solidão. A solidão de Paulo Honório não é tão desnorteante quanto a de Luís, mas é mais contundente, afinal, ele teve tudo – amor, família, amigos, posses – e perdeu tudo. Temos a impressão que é pior é conhecer a felicidade e depois não mais senti-la do que nunca ter conhecido, uma vez que você não pode sentir falta daquilo que nunca conheceu.

O romance é curto, bruto, seco, como seu protagonista. Paulo não conheceu o amor durante a infância, cresceu como uma espécie de erva daninha: toda espécie de intempérie ou obstáculo só o tornava mais forte. Fruto de um solo árido, ele só poderia ser um homem árido também. Segundo Lins (1972, p.11), “a paisagem exterior torna-se uma projeção do homem.”, dessa forma, São Bernardo, a fazenda, torna-se não somente o microcosmo de ação da narrativa, mas também um espelho do interior do personagem. Paulo Honório é incapaz de ver qualquer indício de beleza na propriedade, somente

percebe aquilo que tem a ver com o desenvolvimento da mesma. Um exemplo disso ocorre pouco antes do suicídio de Madalena quando ela observa ao marido a beleza dos paus d'arco floridos – o que ele não entende -; este é o primeiro momento na narrativa que enxergamos algo que não seja os caboclos trabalhando, o gado, o algodoeiro. A fazenda é apenas uma extensão da identidade dele, ou talvez seja ao contrário, ele é uma extensão da fazenda.

Os dois primeiros capítulos de *São Bernardo* parecem deslocados dentro da narrativa, uma vez que não tratam do assunto da história do protagonista e o próprio narrador admite que eles são um desperdício; no entanto, eles servem com apresentação do personagem: Lafeté (1989) aponta que o projeto inicial, de escrever o livro através da divisão do trabalho, é uma marca do personagem: um capitalista com um objetivo a cumprir que tenta usar o que lhe foi “ensinado” pelo mundo capitalista. Ressalta também que cada uma das partes responsáveis iria utilizar o conhecimento no qual era especialista – exatamente como o mundo capitalista funciona. Entretanto, no mesmo capítulo, sabemos que o projeto não deu certo. Acreditamos que o projeto não deu certo por três motivos: Paulo Honório não sabe como relacionar-se com os outros, pois tem dificuldade de ouvi-los ou aceitar suas opiniões. O segundo motivo vem de Dacanal (1986, p. 22) “... Paulo Honório não é capitalista completo.”, se ele não é um capitalista completo, não é necessário que ele compreenda todos os aspectos do sistema, especialmente porque ele conhece o aspecto principal: obter lucro e posses. Dacanal ainda observa que o problema de Honório consiste também no fato de métodos de trabalho são mais primitivos (Dacanal: 2000), quase feudais, que capitalistas. A terceira razão foi citada acima: os valores do “sobressolo”, que são alienantes e capitalistas, não podem ser transferidos com sucesso para o solo, pois este os renega. Percebe-se, que o protagonista é um homem prático, que não tem pudores em ser direto, nem teme obstáculos, dado que continuou o projeto apesar de todos os problemas. Ele reconhece suas limitações no campo da palavra e reconhece que gostaria de possuir mais conhecimento desse tipo, uma vez que o saber dele - todos de ordem prática - é inútil para a empreitada que ele deseja realizar, o que é irônico, dado que a dificuldade dos outros dois protagonistas era justamente contrária: possuíam um conhecimento que não

era aplicável de forma prática no mundo atual. Além disso, nesses dois primeiros capítulos, somos apresentados ao universo de *São Bernardo*, seus personagens, mas acima de tudo, somos apresentados ao fantasma de Madalena, motor da narrativa. Nesses capítulos, ele também revela que utilizará um pseudônimo, levando-nos a crer que ele não se chama Paulo Honório, como já mencionamos. Outro detalhe importante é que, apesar de considerar os capítulos inúteis, Paulo decide mantê-los, talvez de raiva (como diria o Homem do Subsolo), talvez apenas porque ele havia escrito, talvez porque um pedaço de Madalena exista neles também.

É somente no terceiro capítulo que a narrativa propriamente dita começa. No nível da superfície, a história parece ser bastante simples, como define Coelho:

*Lembremo-nos de Paulo Honório (São Bernardo), personalidade enérgica, rica, dominadora que avassala tudo e todos com sua vontade onipotente. De uma dura e miserável infância que tudo lhe negou, ascende Paulo Honório, através de uma luta titânica, esmagando e anulando tudo quanto se lhe antepunha, à esplêndida condição de senhor de um mundo: a fazenda São Bernardo, com suas terras, animais e homens. Paulo Honório, aparentemente, vence em sua luta com a vida. (COELHO, 1978, p.63)*

A vida do personagem consistiu em lutar pelo que desejava, o que o qualifica como homem de ação; aliás, parece-nos que o protagonista é às vezes mais que isso, pois, segundo o Homem do Subsolo, diante de um muro de concreto, o homem de ação retrocede, enquanto Paulo Honório procura descobrir uma maneira de derrubar o muro e obter o que. Nada parece ser capaz de detê-lo e nada parece comovê-lo, nem mesmo a solidão que vive. Todavia, o personagem é, como já mencionamos, um capitalista e como todo capitalista ele precisa de um herdeiro, por isso decide se casar. Note, é a necessidade de ter filhos que o leva a buscar uma esposa e não o ideal amoroso. Uma vez que a solidão é a negação da busca do outro, um casamento desse tipo pode ser considerado uma extensão da solidão, pois não é desfazê-la que o personagem busca, mas sim satisfazer um capricho. Ele procura uma esposa que seja morena, forte, bem diferente da loira e delicada

Madalena; todavia, é por ela que ele se encanta e é com ela que ele se casa. Irônico ou não, tanto Paulo Honório quanto Luís da Silva escolhem como noivas mulheres que representem o oposto daquelas que lhe apraziam e essas preferências se revelam problemáticas. De uma busca egoísta como a de Paulo, só pode haver resultados ruins.

A princípio não há problemas, exceto por uma discussão aqui ou ali. Contudo, aos poucos, Madalena vai percebendo o caráter violento e a falta de humanidade do marido, que entram em choque com sua visão humanitária e utópica do mundo. Ele tenta impor sua vontade a ela, mas ela não cede. É desse embate, humanismo e exploração do homem, que nasce a necessidade inconsciente do id do protagonista de possuir a alma de esposa e impor a sua verdade, dado que ele só percebe aquilo que vem dele como verdadeiro; ele é antes de tudo um egoísta e um egoísta recalcado. Coutinho defende que Paulo já buscava uma posse quando pensou em casar-se pela primeira vez, dado que foi levado por razões egoístas, entretanto, nos parece que a tentativa de submeter a mulher só surgiu depois que ela ousou discordar dos ideais dele. Já mencionamos nos capítulos anteriores que o personagem é incapaz de enxergar o “eu” alheio como sujeito, apenas como objeto, e também afirmamos que Madalena se recusa a fazer parte dessa prática. Essa recusa, juntamente com a humanidade e sensibilidade dela, começam a rachar o muro que Paulo Honório, que, mais tarde, perceberá o valor dela. Entretanto, estamos nos adiantando na análise.

O protagonista é um solitário por natureza. Todavia, sua solidão não se dá por não procurar o outro – como ocorre em *Notas do Subsolo* e *Angústia* -, mas sim pela desconsideração do outro como “outro”. A amizade só existe para ele quando há fidelidade “canina” por parte do amigo em questão ou se há segundas intenções por parte dele, mesmo assim, é difícil classificar as relações dele como amizade, pois escutamos somente sua voz, assim sendo, o romance é, até certa parte da narrativa, monológico. Acreditamos que tal evidencia a solidão de Paulo – uma vez que ele está sozinho, mesmo que cercado de gente – e também seu egoísmo, dado que ele não permite que nenhuma voz se sobreponha a sua. Aliás, nos raros momentos em que ele

permite que a voz do outro se iguale a sua própria, é por que tem algum interesse no fato. Honório é incapaz de perceber tais fatos. Seu id ultra desenvolvido não permite que ele perceba qualquer coisa além dos seus desejos e prazeres.

Dentro da perspectiva acima citada, Madalena é só mais um objeto; o meio para ele conseguir um herdeiro. É curioso notar que ele escolheu a esposa por certa afinidade pessoal – pouco depois de conhecê-la, percebe que a quer bem - e não porque ela seria uma mãe melhor ou mais fecunda e não foi capaz de perceber que seu casamento foi motivado por um amor – ainda que seu estágio inicial – e não pela lógica capitalista. Entretanto, era impossível para ele compreender tal fato, uma vez que Paulo jamais conheceu o amor em qualquer uma de suas formas e essa falta de conhecimento que vai além da aplicação no mundo, juntamente com sua falta de consciência de si e do outro, que o levará á derrota; a ironia dessa constatação surge do fato de que para o Homem do Subsolo a queda foi causada justamente por motivos contrários: o excesso de consciência (tanto de si, quanto do outro) e a quantidade elevada de saberes que não são úteis no cotidiano e que ambos são homens do subsolo. Somente por motivos de contraste, acrescentamos que Luís da Silva difere dos dois por não possuir consciência, mas possuir sabedoria não praticável.

Porém o amor não serve de nada se o amante não percebe o ser amado como tal, ou se não o percebe ao menos como sujeito. Enquanto todo o universo de Paulo se restringia a caboclos, empregados, amigos e conhecidos superficiais, pelo menos na visão dele, a esposa surge como um quebra-cabeça que ele não é capaz de montar, pois não sabe juntar “sensibilidades”: “Conheci que Madalena era boa em demasia, mas não conheci tudo de uma vez. Ela se revelou pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente.” (RAMOS, 1989, p. 101). Parece-nos que marido e mulher são opostos não só por suas ideias, mas também por seus “eu” sujeitos: Madalena aparenta ser fragmentada desde o início, enquanto Honório crê ser uno, o que segundo Hall (2006) é impossível. Será a esposa quem revelará ao marido o fato de que ele não é inteiro, será ela o motor da fragmentação total.

Como ele afirma, Madalena é boa, mas ela é boa com todos, o que não é aceitável para alguém egoísta como Paulo. Dividi-la com toda a humanidade não é aceitável para o marido e ser somente dele não é aceitável para a esposa. Do egoísmo violento, surge o ciúme avassalador de Paulo Honório. Ele não consente a ideia de que alguém pense diferente dele e nem que alguém pertença a si mesmo, e não a ele. O ciúme de Honório não é real como sentimento, mas sim como manifestação psicológica de um homem que quer punir alguém. “Um ciúme de homem bruto – instintivo, animalesco, avassalador. Nada há que o justifique...” (PÓLVORA, 1978, p. 127) e será esse ciúme irracional que separará o casal, pois ele precisa submetê-la e ela nunca aceitará tal fato, preferindo a morte como única maneira de se libertar e também libertar o marido da visão estreita de mundo que destrói tudo que ele vê pela frente. Paulo de fato será um homem livre de sua própria crueldade, mas será escravo de sua consciência. Uma consciência que, embora em desuso há muito tempo, é suficientemente desenvolvida para perceber as falhas da própria existência e a culpa nos eventos trágicos que resultaram na destruição do “eu uno”.

Somente a morte de Madalena pode acordar Paulo Honório para vida. O momento que antecede a descoberta do corpo dela é um dos mais líricos de toda a narrativa:

*...creio que caí no sono e sonhei com rios e atoleiros.*

*Quando dei acordo de mim, a vela estava apagada e luar, que eu não tinha visto nascer, entrava pela janela. A porta continuava a ranger, o nordeste atirava dentro da sacristia folhas secas (...). O relógio tinha parado, mas julgo que dormi horas. (...)*

*Realmente a mata, enfeitada com paus-d’arco, estava uma beleza.*

*(...) o espinhaço me doía, que noite! (RAMOS, 1989 p. 163 – 164)*

E então a descoberta do corpo. Todas as citações anteriores são repletas de metáforas e simbologias que o leitor mais atento talvez perceba o que virá em seguida. Rios cheios de vida que se transformam em atoleiros, a vela cuja luz não existe mais, o corpo dolorido, o nordeste soprando - e aqui nos lembramos

de Erico Veríssimo e Bibiana exclamando para si mesma “Noite de vento, noite dos mortos” (VERÍSSIMO)<sup>4</sup> e o relógio parado, congelado no tempo. Pela primeira vez, ele percebe a beleza dos paus-d’arco; infelizmente, é tarde demais. Note que foi só após a morte dela que ele se libertou da fazenda como instrumento para vê-la em sua beleza.

O relógio parado. É assim que fica a vida dele depois do suicídio da esposa. A morte dela rasga Paulo Honório ao meio e arrebenta-lhe a alma, trazendo consigo a consciência há tanto tempo presa, transformando-o num homem do subsolo. Tudo traz lembranças de Madalena, especialmente o lúgubre pio da coruja. Pensamos que o “fantasma” de Madalena surge como externalização da consciência do protagonista de forma que ele possa encarar todos os dias o que sua coisificação do outro causou. Como já mencionamos, o suicídio é o motor da mudança no personagem. Ele se desgosta dos negócios e abandona a fazenda. Os amigos o deixam e ele permite, pois agora não pode mais obrigá-los a ficar. Não há mais nada. Mencionamos que o subsolo é estéril e que dele nada cresce e sabemos que Paulo Honório teve um filho, entretanto, ele é incapaz de amar esse filho, o que é uma forma de esterilidade.

O Homem do Subsolo é amargo, pois não conquistou nada. Paulo Honório conquistou o mundo que desejava: a fazenda São Bernardo. Mas descobre que essa conquista foi inútil, bem como toda sua vida. O valente e batalhador protagonista se encontra totalmente impotente diante dos cacos de sua vida. Não há nada, somente a solidão:

*É horrível! Se aparecesse alguém... Estão todos dormindo. Se ao menos a criança chorasse... Nem sequer tenho amizade a meu filho. Que miséria! Casimiro Lopes está dormindo. Marciano está dormindo. Patifes! E vou ficar aqui, às escuras, até não sei que hora, até que, morto de fadiga, encoste a cabeça à mesa e descanse uns minutos.*  
(RAMOS, 1989, p.188)

As conquistas são um vazio, só lhe resta tentar entender o que aconteceu, pois seus feitos não valeram a pena.

---

<sup>4</sup> A citação surge da memória, portanto não posso fazer referência a uma página específica, mas corresponde a saga *O Tempo e o Vento*.

Paulo, no entanto, percebe que o conhecimento – e como conhecimento, ele abrange a ideia de pensamento – é um dos motivos da destruição do homem, pois foi o mesmo que o levou a tentativa de conquistar São Bernardo. Pensar é um peso, pois pensando traçamos objetivos e nos colocamos em busca deles; Paulo acredita que seria mais feliz se não pensasse, se a vida fosse ele e Margarida vendendo doces e jantando a luz do candeeiro. Sabemos que isso não é verdade, mas queremos enfatizar que o personagem vê o pensamento como um peso, bem como o Homem do Subsolo. Os piores pensamentos são aqueles que dizem respeito a ele mesmo. A suprema consciência de quem ele é:

*- Estraguei a minha vida estupidamente.*

*Penso em Madalena com insistência. Se fosse possível recomeçarmos... para que enganar-me? Se fosse possível recomeçarmos, aconteceria exatamente o que aconteceu. Não consigo modificar-me, é o que me aflige.*

*Foi deste modo que a vida me inutilizou. Sou um aleijado. Devo ter coração miúdo, lacunas no cérebro, nervos diferentes dos nervos dos outros homens. (RAMOS, 1989, p. 187)*

E essa é a maior derrota de todas: saber que nada mudaria, caso houvesse outra chance. Consciência de que se é falho e incompleto. E é isso que o torna homem do subsolo.

Por fim, queremos apenas falar em Madalena. Em *Grande Sertão: Veredas*, Riobaldo afirma que Diadorim é sua neblina<sup>5</sup>. Achamos que com Paulo Honório é o contrário: Madalena é como um sol, que surge para dissipar a neblina, a qual só existe para impedir que o protagonista veja claramente. Mesmo depois que ela morre, é impossível existir a neblina novamente, pois não se pode esquecer aquilo que ele já tinha visto. O mundo é horrível. E ele também.

## **6. POR QUE O SUBSOLO SE ESTENDE PELO MUNDO TODO:**

---

<sup>5</sup> Essa citação indireta também surge da memória e, portanto, não posso fazer referência a uma página específica. Entretanto, a citação vem de *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa.

Há certa dor em ao terminamos qualquer uma das obras. Embora se tratem de personagens tão mesquinhos, cruéis e desprezíveis, conseguimos nos identificar com alguns aspectos que eles possuem: talvez o excesso de consciência ou o fato que, às vezes, achamos que todo o mundo está contra nós e nos encolhemos assustados. São três obras perigosas porque revelam o homem para o próprio homem e nem sempre percebemos uma imagem bonita. São obras que nos afetam porque nos reconhecemos em cada um deles, mesmo que só um pouquinho.

A narrativa surge como tentativa de organização do caos interno e provavelmente é esse o objetivo que cada um dos personagens tinha ao começar os seus sofridos relatos. Achamos que nenhum deles esperava soluções, e sim respostas. Ao fim dessa pesquisa, acreditamos que tanto Paulo Honório quanto o Homem do Subsolo encontram respostas, que não os agradam, nem servem de consolo, mas de punição. Já Luís da Silva permanece confuso e angustiado, e pior, percebemos que ele está perdido na confusão de seus pensamentos, é não saber mais o que é pensamento e o que é realidade. Aliás, às vezes nos perguntamos: será que Luís da Silva realmente assassinou Julião Tavares? Não será possível que, no auge de sua loucura, esse protagonista sonhou que matava seu inimigo e que, no seu delírio furioso, ela tenha se ferido? Afinal, Freud (CHAUÍ, 2000) considerou que a mente cria formas de compensar nossos desejos mais íntimos para satisfazer ou o id ou o superego; assim, o superego do narrador de *Angústia* dominou-o, evitando que o id agisse e, dessa forma, o protagonista continua vítima do inconsciente. Luís não encontrará respostas, uma vez que ele nem ao menos sabe quais são as perguntas.

Paulo Honório é homem do subsolo, pois ele está plenamente consciente de que foi o autor de sua própria destruição e que ele não pode se modificar. De fato, há muitas diferenças entre o protagonista de *São Bernardo* e o Homem do Subsolo, mas tais diferenças ocorrem devido aos diferentes contextos entre a Rússia do começo do século XIX e o Brasil de quase um século depois e depois, se cada homem é uma ilha - e dentro da perspectiva

do subsolo, eles de fato são – suas características mudam dependendo das características do local onde esta ilha está localizada.

Três homens com o mesmo destino: a fragmentação de si e ausência de perspectivas para o futuro, pois é impossível conquistar algo que valha a pena no mundo (pós) moderno. As relações humanas estão desgastadas e não aprendemos a procurar o outro nem aprendemos a responder quando o outro nos procura. Somos arquipélagos de homens, perdidos na vastidão do oceano. Quando finalmente encontramos um farol que nos guiaria ao outro, não nos contentamos enquanto não destruimos o farol, no lugar de segui-lo. Individualistas, egoístas e solitários. “Em *Memórias do Subsolo* (Dostoiévski) ironiza a ideia de sociedade perfeita, e também o que nos é imposto como verdade absoluta e inquestionável pela razão do ‘dois e dois são quatro’”. (JARDÓN, 2011), e Graciliano Ramos faz o mesmo. Na era da racionalidade extrema e do desenvolvimento em alta velocidade, esses dois escritores pararam para perguntar para onde a humanidade, no sentido de natureza humana, estava indo e a conclusão não foi lá muito animadora. É por isso que respiramos tão mal ao ler qualquer uma das obras citadas: reconhecemos alguns aspectos em nós mesmos, em nossos amigos, em nossos vizinhos.

Cada título é uma representação perfeita própria narrativa. *Notas do subsolo* é uma referência ao espaço psicológico em que seu narrador se encontra – e que já descrevemos anteriormente. Talvez seja apropriado mencionar que é também o lugar que nos encontramos quando terminamos a narrativa: presos no subsolo, sem muitas perspectivas de alguém vir nos salvar. *Angústia* está relacionada com o sentimento que acompanha Luís da Silva por todo o livro. Também é a classificação dele dentro da galeria de personagens da literatura. *São Bernardo* é uma extensão de quem o narrador é. Aliás, temos certeza do nome da fazenda, mas não temos certeza do nome do narrador, entretanto, São Bernardo é também o nome do mal de Paulo Honório, é o motivo de sua autodestruição e sua maldição, ao qual ele ficará preso até a morte. São todos lugares, (in)consciências que não permitem a felicidade ou a concretização humana de quem lá vive. São prisões em que a pena é encarar o próprio crime pelo resto da vida.

Poderiam ser todos eles um mesmo homem, com peculiaridades devido ao contexto em que se encontram, não fosse o fato de Luís da Silva não ser um homem do subsolo. Paulo Honório e o Homem do Subsolo são, de certa forma, o mesmo homem, apenas com histórias de vida diferentes; ambos passaram por vivências diferentes, mas chegaram ao mesmo lugar no final de suas histórias, devido ao excesso de consciência. Luís da Silva não pode ser homem do subsolo, pois nem mesmo depois do crime, independente desse crime ser real ou imaginário, ele tem consciência de si ou do mundo, o único conhecimento que ele possui é que o mundo é um pesadelo, do qual ele não consegue acordar, então só pode se encolher e se proteger, talvez mostrando os dentes de vez em quando. Talvez possamos uni-lo brevemente a Raskólnikov, de *Crime e Castigo*; entretanto, somente superficialmente, pois o personagem russo tem perspectiva de felicidade, enquanto o brasileiro está condenado a ficar sozinho, tanto na vida, quanto na literatura. Ele comete um crime com castigo eterno, que o isola até mesmo de si.

Por fim, “O que sobra da concepção desencantada do narrador, é que existe uma incomunicabilidade visceral e impossível de ser rompida entre os seres.” (GONZAGA, 2003, p. 80). Ainda que esse trecho em particular seja uma referência ao conto *A dócil*, de Dostoiévski, encaixa-se perfeitamente com nossos três protagonistas. Incapazes de se relacionarem com o outro, eles terminam suas narrativas solitários, cada um a seu modo: o Homem do Subsolo irritado e satisfeito em punir-se; Luís da Silva confuso e angustiado; Paulo Honório machucado e desesperado pelo outro, mas incapaz de pedir ajuda. São histórias de desencanto e de falha, em que o juiz e o carrasco de suas vidas foram eles mesmos.

## REFERÊNCIAS

ARTEAGA, Cristiane Guimarães. A alma russa de um nordestino: Graciliano Ramos leitor de Dostoiévski, Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada). Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Ed. Forense- Universitária, 1981.

BIZZELO, Alessandra Azeredo. *A solidão como negação da busca do outro*, in: trans/versões comparativas: I Colóquio Sul de Literatura Comparada e Encontro do GT de Literatura Comparada da ANPOLL, BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva (org). Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, PPG/Letras, 2002.

BRAYNER, Sonia. *Graciliano Ramos e o Romance Trágico*. In: BRAYNER, Sônia (org.). Graciliano Ramos; Coletânea organizada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

CALLEGARI, Bruna, *Memórias do subsolo de Dostoiévski*, 2005, In: <http://www.duplipensar.net/artigos/2005-Q1/memorias-do-subsolo-Dostoiévski.html> (visitado em 24.06.2011, às 01h:25);

CÂNDIDO, Antônio. *Ficção e Confissão: ensaios sobre a obra de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1956.

CHAUÍ, Marilene. *Freud: A consciência pode tudo?* In: *Filosofia*. São Paulo: Ed. Ática, 2000, via <http://www.cefetsp.br/edu/eso/filosofia/freudchaui.html> (visitado em 15.06. 2011, às 23h: 45)

COELHO, Nelly Novaes. *Solidão e luta em Graciliano*. In: BRAYNER, Sônia (org.). Graciliano Ramos; Coletânea organizada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Graciliano Ramos*. In: BRAYNER, Sônia (org.). Graciliano Ramos; Coletânea organizada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

DACANAL, José Hidelbrando. *O romance de 30*. 2° Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Notas do Subsolo*. Traduzido direto do russo por SOARES, Maria Aparecida Botelho Pereira. Porto Alegre: LP&M, 2009.

GONZAGA, Sérgio. *Dostoiévsky*. In: TRACHTENBERG, Ana Rosa C. e KATZ, Silvia S. (coord.). *Freud e suas Leituras/ Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*. Porto Alegre: SBPdePA, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro – 11. Ed, Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006.

JARDÓN, Manuel Cid. *A palavra viva em Dostoiévski*, jornal *O Sul*, Janeiro de 2011.

LAFETÁ, João Luiz. *O mundo à revelia*. In: RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 50°ed. Rio de Janeiro: Record, 1989.

LINS, Álvaro. *Valores e misérias das vidas secas*. In: RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 30° ed. São Paulo: Martins, 1972.

MOISÉS, Massaud. *A Gênese do Crime em “Angústia”, de Graciliano Ramos* in: BRAYNER, In: BRAYNER, Sônia (org.). Graciliano Ramos; Coletânea organizada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

PINTO, Ubiratan Machado. *Nos Meandros da Memória, subjetividade e “confissão” em Angústia de Graciliano Ramos*. Trabalho de Conclusão do Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2004.

PÓLVORA, Hélio. *Retorno a Graciliano*. In: BRAYNER, Sônia (org.). Graciliano Ramos; Coletânea organizada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. São Paulo: Círculo do livro, s/d.

\_\_\_\_\_. *São Bernardo*. 50ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1989.

RIBEIRO, Vitor. *Subsolos Portenhos: o Intertexto Arlt-Dostoiévski*, Dissertação (Mestrado em Literatura comparada). Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2007.

SCHERER, Larissa, *Os homens do subterrâneo em Angústia e Memórias do Subsolo*, Trabalho de Conclusão do Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2004.

SCHNAIDERMAN, Boris: *Turbilhão e semente: ensaios sobre Dostoiévski e Bakhtin*. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

SOARES, Maria Aparecida Botelho Pereira. *Nota do Tradutor*. In: DOSTOIEVSKI, Fiódor. *Notas do Subsolo*. Porto Alegre: LP&M, 2009.